



**ESCOLA
DE PAIS
DO BRASIL**

Goiânia - Go

OUTUBRO DE 2026 – EDIÇÃO Nº 45



VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

*Qual impacto na educação dos filhos
e nas relações familiares*

XLIII Seminário da Escola de Pais do Brasil
Seccional Goiânia-GO

Seu sorriso é o seu melhor cartão de visitas.

Ele comunica confiança, abre portas e transforma vidas.

Um sorriso harmonioso não é apenas estética, é autoestima, é segurança, é poder ser a sua melhor versão todos os dias.



Mais confiança
para viver e se expressar.



Aparência harmoniosa
que reflete saúde e cuidado.



Qualidade de vida
que vai muito além da estética.

Invista em você.
Transforme seu sorriso,
transforme sua história.



INSTITUTO MOURA
ODONTOLOGIA AVANÇADA

Dr. Erick Moura
IMPLANTODONTISTA
REFERÊNCIA EM ESTÉTICA DENTAL

Excelência em cada detalhe
para resultados que vão
além do sorriso.

NOSSOS TRATAMENTOS



IMPLANTES
DENTÁRIOS



LENTE DE
CONTATO DENTAL



FACETAS DE
PORCELANA



DESIGN DO
SORRISO



CLAREAMENTO
DENTAL



(62) 99642-2112



@institutomoura



Rua 1132, nº 241 - Setor Marista
Goiânia - GO

EDITORIAL

Na Escola de Pais do Brasil, ninguém precisa chegar pronto. Chegamos como somos: com nossas histórias, nossos talentos, nossas limitações, nossos sonhos e, muitas vezes, até com nossas dúvidas. É justamente por isso que o voluntariado é tão bonito.

Voluntariado é aquilo que escolhemos fazer porque entendemos que algumas causas são grandes demais para não serem realizadas. Na Escola de Pais do Brasil, cada contribuição importa. Cada hora oferecida, cada ideia compartilhada, cada encontro preparado, cada porta que alguém ajuda a abrir representa muito mais do que uma tarefa cumprida: representa compromisso com a família, com a educação e com a construção de uma sociedade mais humana.

A Escola de Pais do Brasil – Goiânia neste 45º Seminário convida a cada um: pais, mães, cuidadores e educadores a refletir sobre a Violência Doméstica: qual o impacto na educação dos filhos e em suas relações familiares? Estamos inseridos em uma sociedade diversificada, com ideologias, diferentes culturas, raças, educação, histórias de vida... muitas vezes a violência também vem arraigada, entranhada de uma forma que reverbera para outras gerações. É preciso romper este ciclo, como?

Através do conhecimento, dos ricos conteúdos que temos disponíveis na internet, nos livros. Também através da mudança de mentalidade, da própria rede de

apoio que é a Escola de Pais do Brasil. E podemos sim, ser transformadores desta história, das estatísticas que nos assusta, das vidas ceifadas (físicas, emocionais e espirituais). Vamos juntos buscar esta transformação.

Porque quando cada pessoa coloca um pouco de si a serviço de uma grande causa, o resultado deixa de ser apenas uma soma de esforços. Torna-se uma força capaz de transformar famílias, comunidades e gerações.

Nossa gratidão a Deus, aos associados da EPB Goiânia que trabalham sistematicamente para alcançar o maior número de pais, mães, cuidadores, educadores, para que as crianças e adolescentes sejam impactados com formas de educar através do amor, afeto e responsabilidade. Nossa gratidão aos nossos palestrantes Dra. Elaine Rodrigues de Sousa Oliveira e ao Tenente Carlos Antônio Ferreira de Oliveira, que gentilmente atendeu ao nosso chamado. Aos amigos da EPB de todo Brasil, à DEN que nos apoia, nos motiva a fazer sempre o melhor. Aos nossos anunciantes que sem o seu apoio, seria impossível realizar este Seminário e editar a revista.

Jaqueline Calaça Rodrigues
Presidente da EPB Goiânia

Agradecimentos

Aos nossos Associados da EPB Goiânia. Obrigado por 53 anos de dedicação, voluntariado e amor à família. Vocês são a alma desta Escola. Cada associado, cada encontro, cada reunião, construiu essa história de meio século formando famílias melhores. Este aniversário é de vocês. **Aos nossos parentes, amigos e convidados,** obrigado pela presença. Sabemos o quanto o tempo de cada um é precioso. O fato de estarem aqui hoje, celebrando conosco, mostra que acreditam na mesma causa que nós: a família como base de uma sociedade mais justa e humana. **Ao nosso Seminário Anual.** Escolhemos um tema que não pode mais ser silenciado: Violência Doméstica. Não é um tema fácil, mas é necessário. Como Escola de Pais, temos a responsabilidade de olhar para dentro dos lares, de quebrar o ciclo da violência verbal, psicológica e física, e de ensinar que o diálogo, o respeito e o exemplo são o único caminho. Que este seminário não seja apenas um evento de aniversário, mas um compromisso. Um compromisso de cada um de nós em levar para casa, para a rua, para o trabalho, a mensagem de que lar deve ser lugar de paz, nunca de medo. **A todos os palestrantes, à diretoria, aos associados** que trabalharam incansavelmente para que esta noite acontecesse. Que venham muitos outros anos de Escola de Pais do Brasil em Goiânia! Muito obrigado!



**Diácono Carlos
Vieira de Brito**
Diretor de
Seminário da
EPB Goiânia

SECCIONAL GOIÂNIA

Fundada em 14 de setembro de 1973

Fone: (62) 9663-4280

www.escoladepais.org.br
link: seccionais/goias/goiania

CNPJ 33. 377. 805/0001-08

Utilidade Pública Federal = 72. 220

Utilidade Pública Estadual = 12. 449

Utilidade Pública Municipal = 7. 374

Registro Social MEC = 262-234-75

Praça Comendador Germano Roriz (Praça do Cruzeiro)

nº 150, Setor Sul, CEP. 74093-320, Goiânia-GO

Telefone: (62) 9663-4280

DIRETORIA EXECUTIVA da Seccional Goiânia

PRESIDENTE

Jaqueline Calaça Rodrigues

VICE-PRESIDENTE

Rita Coraciaba Coraciaba Costa Pereira

DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

Miguel Rosa dos Santos

DIRETORIA PEDAGÓGICO

Iracema Silva Costa e Antonio Costa

DIRETOR DE SEMINÁRIO

Carlos Vieira de Brito

REPRESENTANTE NACIONAL DE GOIÁS

Valdeci Rezende Rodrigues

PRESIDENTE DE HONRA – EPB GOIÂNIA

Maria Terezinha e Umberto Augusto de Medeiros

CONSELHO FISCAL

Titulares

Anderson Reis de Farias

José Carlos Riccioppo

Gilberto da Silva Parreira

Suplentes

Efraim Antônio Alves

Maria dos Reis Alves

DEMAIS ASSOCIADOS

Helena R. Gomes de Castro; Luiz Gonzaga de Castro; Antônio Costa; Darlene Luiza P. Silva e Onildo Alves da Silva; Hermes Bartolomeu A. Pacheco e Lenita Brasil Pacheco; Marinaide Tinoco S. Santos; Marlene Calixto de M. Brito; Dilermando Fco Lunardi e Vânia Martins Lunardi; João Cunha Medeiros e Maria Aparecida A. F. Medeiros; Joane Augusto de Souza e Maria Vilma Teixeira Souza; Sérgio Divino dos Santos Lisboa e Conceição Ileana Santiago Lisboa

Concepção da Capa: Jaqueline e Valdeci / Rita e Gilberto

Revisão: José Carlos Riccioppo

Projeto gráfico e Arte-final:

Adriana Almeida – (62) 99615-0850

Impressão e acabamento:

SUMÁRIO

Quando a infância pede atenção: telas, conflitos familiares e parentalidade protetiva	5
Quando o lar deixa de ser seguro: o impacto silencioso da violência na família	8
Combater a violência doméstica: pProteger vidas e fortalecer a nossa sociedade	9
Violência doméstica: quando o amor se torna um lugar de medo	11
Como viver sem violência no lar	13
Reflexos da violência: o desenvolvimento da criança e como construir a cultura da paz na família	17
Reflexos da violência no desempenho escolar	20
“Lar doce Lar”	21
Repercussões comportamentais em crianças e adolescentes.: um olhar para o desenvolvimento e a saúde mental	24
O refúgio chamado lar: caminhos para construir a paz em família	25
Quando o lar deixa de ser seguro: os impactos psicológicos da violência doméstica na infância e na adolescência	27
A estruturação do sistema de apego em ambiente de violência doméstica	30
Meu filho não é minha infância	33
Violência verbal na família	35
O impacto do suicídio na família	37
Violência doméstica: vinte anos da lei maria da penha	39
Escola de Pais em Ação	46

DIRETORIA EXECUTIVA NACIONAL – DEN

2026-2028

Presidente

Célio Alves de Oliveira

Vice-Presidente

Jairo Marcelo Santos

Diretoria Pedagógica

Vera Lúcia Canal Spricigo

Diretoria de Comunicação

José Alberto Wobeto

Diretoria Financeira

Carolina Borges de Oliveira

Diretoria de Eventos

Regina Lustre Azevedo Gabriele

Diretoria de Planejamento

Marcos Moraes Labrunie

Diretoria Administrativa

Marilês Ansiliero B. de Oliveiraa

Diretoria de Engajamento e

Relacionamento com associados

Jaqueline Calaça Rodrigues

Diretora de Relações Públicas

Marlene de Fátima Merege Pereira

Conselho Fiscal – TITULARES

Francisco Carlos Castanhel

Miguel Rosa dos Santos

Orlando Spricigo

Conselho Fiscal – SUPLENTES

Ivan Fernandes dos Santos

Lorivanda Barbosa de Oliveira Neto

Maria Inês Detoni

Sede: Rua Bartira nº 1.904, Perdizes – São Paulo-SP | Telefone: (11) 3679-7511
www.escoladepais.org.br / brasil@escoladepais.org.br

QUANDO A INFÂNCIA PEDE ATENÇÃO

Telas, conflitos familiares e parentalidade protetiva

ELAINE RODRIGUES DE SOUSA OLIVEIRA E CARLOS ANTONIO FERREIRA DE OLIVEIRA*

O que a escuta de crianças e adolescentes em Abadia de Goiás nos ensina sobre presença, limites e proteção dentro e fora do ambiente digital

“Fico no celular até tarde.” “Meus pais brigam na minha frente.” “Minha mãe fala mal do meu pai.” “Meu pai pergunta o que acontece na casa da minha mãe.”

Frases como essas, ainda que expressas de maneiras diferentes, surgiram durante ações educativas realizadas com crianças e adolescentes nas escolas municipais de Abadia de Goiás. Mais do que comentários isolados, elas revelaram aspectos do cotidiano familiar que muitas vezes permanecem invisíveis aos adultos. Durante o agosto Lilás, período dedicado à conscientização e ao enfrentamento da violência contra a mulher, a Superintendência Municipal da Mulher e a Patrulha Maria da Penha percorreram as escolas municipais, dialogando com estudantes desde a educação infantil até o ensino fundamental. As ações também alcançaram profissionais das unidades básicas de saúde, do Centro de Atenção Psicossocial e do hospital municipal.

O propósito inicial era conversar sobre respeito, relacionamentos saudáveis, prevenção da violência e caminhos para buscar ajuda. À medida que os estudantes se sentiram acolhidos, porém, apareceram relatos sobre o uso do celular durante a noite, discussões entre os responsáveis, separações conflituosas e situações em que os filhos se sentiam pressionados a tomar partido. Essas manifestações espontâneas não constituem uma pesquisa nem permitem descrever todas as famílias do município. Ainda assim, possuem um valor que não pode ser ignorado: mostram como crianças e adolescentes percebem o ambiente em que vivem e como podem ser afetados pelas palavras, escolhas e comportamentos dos adultos.

A experiência também se aproxima do que observamos no acompanhamento de mulheres amparadas por medidas protetivas de urgência. Quando existem filhos, a violência não permanece restrita à relação do



casal. Eles podem ouvir ameaças, presenciar agressões, perceber o medo da mãe ou modificar o próprio comportamento para evitar novos episódios. Após a separação, o conflito pode continuar quando a criança é utilizada para transmitir recados, obter informações ou criar oportunidades de aproximação. À primeira vista, o uso excessivo de telas e os conflitos familiares podem parecer problemas distintos. Ambos, contudo, conduzem à mesma pergunta: quanto tempo e disponibilidade emocional temos dedicado a acompanhar verdadeiramente nossos filhos?

Entre telas e conflitos familiares

Quando uma criança permanece no celular até tarde, a primeira preocupação costuma ser o número de horas diante da tela. Essa preocupação é legítima, principalmente quando o uso interfere no sono, nos estudos, na atividade física e na convivência. Entretanto, acompanhar a vida digital exige olhar além do relógio. Mais do que perguntar “por quanto tempo?”, é necessário saber “fazendo o quê?”, “conversando com quem?” e

“como esse uso afeta sua rotina?”. O ambiente digital oferece aprendizagem, entretenimento e pertencimento, mas também pode expor crianças e adolescentes a contatos inadequados, humilhações, conteúdos violentos e desafios perigosos. Aquilo que acontece em uma rede social ou em um jogo on-line pode produzir consequências reais na autoestima, no humor e nas relações escolares.

A mediação parental digital, portanto, não se resume à proibição. Envolve diálogo, exemplo, configuração de segurança, proteção da privacidade, conhecimento dos jogos e plataformas utilizados e definição de limites compatíveis com a idade. Aplicativos de controle podem ajudar, mas nenhuma ferramenta substitui uma relação na qual o filho se sente seguro para contar o que viu ou vivenciou. Também é preciso compreender por que o celular ocupa tanto espaço. Para alguns, ele representa diversão; para outros, pode se tornar uma forma de escapar do tédio, da solidão ou de um ambiente marcado por tensão. Retirar o aparelho sem conhecer essa realidade pode interromper o comportamento, mas não alcançar aquilo que está por trás dele.

O uso noturno merece atenção especial. Uma mensagem, mais um vídeo ou a partida seguinte podem adiar o sono quase sem que se perceba. No dia seguinte, o cansaço pode aparecer como sonolência, irritabilidade ou dificuldade de concentração. Estabelecer horários, manter os aparelhos fora do quarto e criar momentos familiares sem telas são atitudes de cuidado. Essas regras ganham força quando os adultos também guardam o celular durante

as refeições e interrompem o uso para ouvir os filhos.

As crianças percebem nossas contradições. Escutam quando ensinamos respeito, mas também observam como administramos frustrações e divergências. Por isso, não basta pedir que se desconectem ou que resolvam seus problemas pelo diálogo: o exemplo oferecido dentro de casa continua sendo uma das formas mais importantes de educação.

“Quando uma criança permanece no celular até tarde, a primeira preocupação costuma ser o número de horas diante da tela.”

Filhos precisam ser protegidos, não envolvidos

Toda família enfrenta desacordos. Quando administradas com respeito, as divergências podem ensinar que é possível conversar, reconhecer erros e construir soluções. O problema começa quando o conflito dá lugar à humilhação, à intimidação, ao controle, à ameaça ou à agressão. Ainda é comum tratar essas situações como uma simples “briga de casal” e imaginar que os filhos não foram atingidos porque não sofreram agressão direta. Entretanto, a criança que presenciava violência não é uma espectadora distante. Mesmo em outro cômodo, pode escutar gritos, objetos sendo quebrados ou pedidos de socorro. Algumas tentam intervir; outras protegem irmãos menores

ou passam a observar constantemente o ambiente para antecipar um novo episódio.

Alterações no sono, irritabilidade, isolamento e dificuldades escolares podem indicar que algo não está bem, embora nenhum desses sinais, isoladamente, permita concluir que exista violência. Crianças pequenas nem sempre conseguem organizar a experiência em uma narrativa clara. Por isso, o adulto que recebe uma revelação deve acolher sem ridicularizar, culpar ou pressionar por detalhes e buscar orientação quando houver risco ou violação de direitos. A Lei nº 13.431/2017 reconhece a necessidade de proteção da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência. Na prática, isso significa compreender que presenciar a violência também pode afetar seu desenvolvimento e que não cabe aos filhos separar os adultos, proteger a mãe, vigiar o agressor ou resolver os conflitos familiares.

A separação encerra a vida conjugal, mas não elimina a responsabilidade parental. Em contextos conflituosos, os filhos podem ser transformados em mensageiros, investigadores ou aliados. Perguntas insistentes sobre a rotina do outro responsável e críticas constantes podem produzir conflitos de lealdade: a criança passa a acreditar que demonstrar afeto por um significa trair o outro. Expressões como “alienação parental” exigem cautela e não devem ser usadas como diagnóstico informal ou argumento para minimizar relatos de violência. Quando há ameaça, medida protetiva ou risco, mudanças na convivência podem ser necessárias para preservar a segurança. Cumprir uma decisão

judicial e evitar aproximações proibidas não pode ser confundido automaticamente com afastamento injustificado.

Quando uma decisão proíbe contato ou aproximação, os filhos jamais devem ser usados para contorná-la. Pedir que entreguem mensagens, informem endereços, enviem fotografias ou convençam a mulher a retirar a medida os coloca no centro do conflito e pode comprometer a proteção estabelecida. A medida protetiva é dirigida à mulher, mas seus efeitos alcançam a organização familiar. Os filhos podem acompanhar mudanças de moradia, escola e rotina, além de conviver com o medo de novas aproximações. Precisam receber explicações adequadas à idade, sem detalhes desnecessários, e compreender que não são culpados pelo que aconteceu.

Nenhuma instituição responde sozinha a todas essas necessidades. A segurança pública acompanha as medidas e atua diante do risco; a escola percebe mudanças cotidianas; a saúde identifica possíveis repercussões físicas e emocionais; a assistência social apoia a família; e o Conselho Tutelar atua quando direitos estão ameaçados ou violados. Em Abadia de Goiás, a proximidade entre esses serviços e a Superintendência da Mulher favorece respostas articuladas e demonstra que proteger a mulher e proteger seus filhos são dimensões inseparáveis.

Presença que protege

Não existem famílias perfeitas nem uma receita única para todas as dificuldades. Existem, porém, atitudes cotidianas que fortalecem vínculos e ajudam crianças e adolescentes a se sentirem protegidos. Presença não é apenas estar fisicamente no mesmo ambiente; é demonstrar interesse, observar mudanças e escutar com atenção.

Alguns compromissos podem orientar esse cuidado:

1. Criar momentos de conversa sem televisão ou celular e conhecer os ambientes digitais frequentados pelos filhos.
2. Estabelecer horários para as telas, proteger o período de sono e explicar o motivo dos limites.
3. Ensinar sobre privacidade, contatos desconhecidos e conteúdos inadequados, oferecendo segurança para pedir ajuda.
4. Evitar ofensas e discussões violentas diante das crianças e jamais utilizá-las para transmitir recados ou investigar o outro responsável.
5. Respeitar medidas protetivas e determinações judiciais, buscando orientação adequada para dúvidas sobre contato e convivência.
6. Observar mudanças persistentes de comportamento, acolher relatos sem culpabilização e procurar a rede de proteção quando houver violência ou risco.

Escutar também é proteger

Pedir ajuda não representa fracasso na educação dos filhos. Escola, saúde, assistência social, Conselho Tutelar, Superintendência da Mulher e segurança pública existem para atuar quando a situação ultrapassa aquilo que a família consegue resolver sozinha.

Quando entramos nas escolas de Abadia de Goiás para falar sobre prevenção à violência, estávamos preparados para orientar. Saímos de lá também tendo aprendido. A experiência mostrou que, quando uma criança encontra espaço seguro para falar, pode revelar muito mais do que os adultos imaginam. Essa escuta reforçou uma certeza: a proteção à mulher também precisa alcançar seus filhos, e a prevenção da violência deve começar na infância.

Os filhos não podem carregar conflitos que pertencem aos adultos. Não devem ser transformados em mensageiros, investigadores ou mediadores, nem pressionados a escolher entre o pai e a mãe. Eles têm o direito de simplesmente ser crianças.

Por isso, talvez a pergunta mais importante não seja ‘meu filho está me ouvindo?’, mas ‘eu tenho ouvido verdadeiramente o meu filho?’. Uma criança ouvida compreende que sua voz tem valor; protegida e respeitada, aprende que amor não combina com violência. Proteger a infância hoje ajuda a interromper ciclos de violência e pode mudar a história de uma geração.

(*) **Carlos Antonio Ferreira de Oliveira** – Oficial da Polícia Militar do Estado de Goiás, comandante da 2ª Companhia do 2º Batalhão Maria da Penha e doutorando em Administração pela Universidade Federal de Goiás. Atua no acompanhamento de medidas protetivas e em ações preventivas sobre violência doméstica e proteção integral. **Elaine Rodrigues de Sousa Oliveira** – Superintendente da Mulher do Município de Abadia de Goiás. Atua na promoção dos direitos das mulheres, no acolhimento, na prevenção da violência e na articulação da rede municipal de proteção.

QUANDO O LAR DEIXA DE SER SEGURO

O impacto silencioso da violência na família

ANDERSON REIS*

A família sempre foi vista como o nosso primeiro grupo social e o lugar onde deveríamos encontrar proteção. É dentro de casa que o ser humano espera receber acolhimento e aprender a construir relações saudáveis, baseadas no respeito e no cuidado mútuo. No entanto, quando a violência entra nessa dinâmica, toda a estrutura familiar sofre uma quebra profunda. A casa deixa de ser um porto seguro e se transforma em um ambiente dominado pelo medo, pela desconfiança e por traumas que podem deixar marcas por muitas gerações.

As relações de afeto funcionam quando existe reciprocidade e a certeza de que estamos seguros com o outro. Em um lar marcado pela violência, seja ela física, verbal, psicológica ou financeira, essa previsibilidade desaparece. O carinho é substituído por um estado de alerta constante, onde as pessoas vivem tensas, esperando o próximo conflito. O agressor costuma usar jogos mentais e manipulações para fazer a vítima duvidar de si mesma, além de tentar afastá-la de amigos e parentes. Esse processo destrói a autoestima e transforma o que deveria ser uma união amorosa em uma relação de dependência e submissão. O amor acaba cedendo espaço para o instinto de sobrevivência.

Esse sofrimento quase nunca fica restrito ao casal. As crianças que crescem assistindo a essas agressões sofrem um impacto direto e devastador. Elas não são apenas testemunhas distantes; elas absorvem toda a tensão do ambiente, o que prejudica seu desenvolvimento emocional, seu rendimento escolar e a forma como vão se relacionar com o mundo no futuro. O ciclo da violência se estende e afeta a todos que vivem sob o mesmo teto.

Romper esse ciclo exige muita coragem e o resgate das redes de convivência que foram perdidas. Como



o isolamento costuma ser uma arma do agressor, o primeiro grande passo é restabelecer o contato com o mundo exterior. A reconstrução da vida e a cura dessas feridas emocionais passam pelo fortalecimento do amor-próprio e pela busca de apoio especializado, como o acompanhamento psicológico, que ajuda a entender o que foi vivido e a estabelecer limites saudáveis para o futuro.

No fim das contas, a verdadeira transformação começa na nossa capacidade de enxergar o problema e estender a mão. Mais do que esperar por soluções distantes, a mudança real acontece no dia a dia, quando a sociedade se une, os amigos se apoiam e cada indivíduo decide não ignorar os sinais de sofrimento ao seu redor. Curar os laços familiares é um processo paciente, mas perfeitamente possível quando escolhemos acolher, ouvir sem julgar e lembrar que todo ser humano merece viver em um ambiente de paz.

(*) **Anderson Reis** – Associado da EPB Goiânia.

COMBATER A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Proteger vidas e fortalecer a nossa sociedade

DENÍCIO TRINDADE*

A violência doméstica é uma das maiores feridas da nossa sociedade. Todos os dias, mulheres enfrentam agressões físicas, psicológicas, patrimoniais e emocionais em um ambiente que deveria representar segurança, acolhimento e proteção, dentro do próprio lar.

Como vereador, entendo que o Poder Legislativo tem um papel fundamental nessa luta. A criação de leis, o fortalecimento das políticas públicas e a fiscalização das ações do Poder Público são ferramentas importantes para prevenir, combater e enfrentar esse problema.

Não podemos permitir que a violência contra a mulher seja vista como uma questão privada ou familiar. Quando uma mulher é agredida, toda a sociedade é atingida. Por isso, precisamos de ações firmes, leis mais severas, campanhas publicitárias permanentes para garantir proteção, acolhimento e justiça.

Minha trajetória pessoal também é construída sobre valores que considero essenciais para a convivência em sociedade. Sou um homem católico, participo do movimento Segue-me e do Encontro de Casais com Cristo (ECC) ao lado da minha esposa, experiências que reforçam em mim a importância do amor, do respeito, do diálogo e da valorização da família.

Esse compromisso com a valorização das mulheres também se reflete no meu trabalho como vereador. Um exemplo é o Projeto de Lei nº 467/2025, que institui o Dia da Conscientização do Climatério e da Menopausa em Goiânia. Essa iniciativa nasceu de uma ideia da minha esposa, Dina, e tem como objetivo combater o preconceito e a desinformação sobre uma fase natural da vida feminina, levando informação, acolhimento e promovendo debates importantes sobre saúde e qualidade de vida.

Como forma de dar visibilidade a esse tema, realizamos uma ação de conscientização no Parque Flamboyant, reunindo mulheres e suas famílias para um momento de cuidado e informação, com rodas de



conversas e de orientações, atendimentos, serviços de saúde e exames. Essa ação mostrou a importância de abrir espaços para falar sobre saúde feminina, quebrar tabus e garantir que as mulheres tenham acesso ao conhecimento e ao cuidado que merecem.

O enfrentamento à violência doméstica precisa ir além da punição depois que a agressão acontece. Precisamos investir na prevenção, na educação e na conscientização. É necessário fortalecer campanhas, criar cartilhas e ampliar a informação e criar mecanismos que permitam identificar situações de risco antes que elas terminem em tragédias.

Ao mesmo tempo, precisamos garantir que os agressores sejam responsabilizados pelos seus atos. A impunidade não pode fazer parte dessa realidade. Quem pratica violência contra uma mulher precisa saber que encontrará uma resposta firme do Estado.

O Legislativo tem um papel decisivo nesse processo, criando leis municipais que ampliem a rede de proteção, incentivem programas de acolhimento, fortaleçam o atendimento às vítimas e capacitem servidores públicos para reconhecer sinais de violência e

orientar corretamente quem precisa de ajuda. A Câmara Municipal de Goiânia também possui canais de atendimento, como a Ouvidoria, que recebe denúncias e demandas da população, oferecendo mais um caminho para que mulheres em situação de violência possam buscar apoio e orientação. Esses canais são públicos e estão abertos para todos que precisarem.

Também acredito que devemos trabalhar a conscientização dos homens. Combater a violência doméstica passa por transformar comportamentos, incentivar o respeito e mostrar que nenhuma forma de agressão pode ser aceita ou normalizada.

"A violência doméstica é uma das maiores feridas da nossa sociedade. Todos os dias, mulheres enfrentam agressões físicas, psicológicas, patrimoniais e emocionais."

A luta contra a violência doméstica não pode começar apenas após uma denúncia ou uma ocorrência policial. Precisamos agir antes, criando uma rede de proteção eficiente, garantindo apoio às

vítimas e construindo caminhos para que elas possam recomeçar suas vidas com segurança.

Como vereador, meu compromisso é continuar trabalhando para que Goiânia seja uma cidade onde todas as mulheres tenham seus direitos respeitados e possam viver com liberdade, dignidade e segurança.

Cada política pública criada, cada ação de prevenção realizada e cada vida protegida representa um avanço na construção de uma sociedade melhor.

Combater a violência doméstica é uma responsabilidade de todos nós. É uma luta por justiça, respeito e pelo valor mais importante que temos, a vida.

(*) **Denício Trindade** — Vereador na Câmara Municipal de Goiânia.

REAL BRASIL
CORRETORA
Nós cuidamos de pessoas.

Se faz parte dos seus planos, merece proteção.

Seguros • Consórcios • Financiamentos
Automóveis • Patrimoniais • Vida e muito mais

Telefone e WhatsApp
(62) 3933-9300

R. S-2, 913 • Sala 501 • Ed. Maria e Luiza
St. Bela Vista • Goiânia - GO • CEP 74230-420

Cláudia de P. Carvalho Viana
PSICÓLOGA CLÍNICA
CRP: 09/010217

Escuta que transforma

Psicodramatista com um olhar sistêmico.
Formação em EMDR e Brainspotting.
• Reprocessamento de Traumas.
Atendimento presencial e on-line.
• Crianças, adolescentes, adultos e casais.

(62) 99631-8418 | ccic4@hotmail.com

Cuidar de pessoas é acreditar em novas possibilidades

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Quando o amor se torna um lugar de medo

ANA LUISA RICCIOPPO CARVALHO*

A violência doméstica é uma realidade que atravessa milhares de mulheres e famílias todos os dias. Como psicóloga que trabalha e fala sobre relacionamentos, acredito que precisamos conversar sobre esse tema com mais seriedade, acolhimento e responsabilidade.

Muitas vezes, quando pensamos em violência doméstica, imaginamos apenas agressões físicas. Mas a violência pode começar muito antes de um tapa ou de uma agressão visível. Ela pode aparecer no controle excessivo, no ciúme constante e nas tentativas de afastar a vítima das pessoas que ama. Pode estar nas humilhações, nas ameaças e nas palavras que fazem alguém acreditar que não é capaz de viver sem o outro.

A violência psicológica deixa marcas profundas, mesmo quando ninguém consegue enxergá-las. Uma relação saudável não exige que você tenha medo de falar o que pensa. Não exige que você abandone seus amigos, sua família ou seus sonhos. Não exige que você peça desculpas o tempo todo apenas para evitar uma discussão.

Muitas relações abusivas não começam de forma violenta. Elas podem começar com demonstrações intensas de amor, cuidado e necessidade. Com o tempo, porém, o carinho pode se transformar em controle. O cuidado pode se transformar em vigilância. E o ciúme pode ser apresentado como prova de amor. Mas ciúme não é amor quando machuca, controla e limita a liberdade do outro.

Uma das maiores dificuldades para quem vive violência doméstica é reconhecer que está dentro de uma relação violenta. Isso acontece porque o ciclo da violência pode alternar momentos de sofrimento com períodos de arrependimento e promessas de mudança. Depois da agressão, muitas vítimas ouvem pedidos de perdão e acreditam que aquela será a última vez. E, muitas vezes, existe também amor, dependência emocional, medo e esperança envolvidos.

Por isso, não devemos julgar uma pessoa perguntando simplesmente: "Por que ela não vai embora?". A



"A violência psicológica deixa marcas profundas, mesmo quando ninguém consegue enxergá-las."

pergunta que precisamos fazer é: "O que está impedindo essa pessoa de se sentir segura para sair?". Cada história possui suas particularidades e precisa ser compreendida com respeito.

A violência doméstica também pode gerar medo, insegurança e uma perda profunda da autoestima. A vítima pode começar a acreditar nas críticas que recebe diariamente. Pode se sentir culpada pelas agressões e acreditar que provocou o comportamento do agressor. Mas nenhuma pessoa é responsável pela violência que sofre. A responsabilidade pela agressão é sempre de quem escolhe agredir.

Falar sobre violência doméstica também é falar sobre prevenção. É ensinar que amor não combina com medo. Que relacionamento não deve significar prisão.

Que respeito não pode existir apenas nos momentos em que tudo está bem. Uma relação saudável precisa de diálogo, limites, autonomia e segurança emocional.

Precisamos ensinar, principalmente às mulheres, que elas não precisam aceitar migalhas emocionais para provar que são amadas. E que sair de uma relação abusiva não significa fracasso. Às vezes, sair é justamente o primeiro passo para voltar a existir.

**FERRAGISTA
MACAÚBA**

62. 3567.6809

• FERRAMENTAS • MATERIAIS HIDRÁULICOS E ELÉTRICOS
• PARAFUSOS EM GERAL • MATERIAL P/ SERRALHERIA, MARCENARIA
E LANTERNAGEM • UTILIDADES DOMÉSTICAS

Av. das Esmeraldas Qd. 81 Lt. 25
Recanto das Minas Gerais - Goiânia-GO
ferragistamacaub@gmail.com

TELMA

MÓVEIS e ELETRODOMÉSTICOS

Instagram: telmamoveis | WhatsApp: 99331-2036 / 98605-8419 / 99138-2244

COPAG

TRATORES E PEÇAS

FIATALLIS NEW HOLLAND KOMATSU

Fone: 62. 4006-1666

Av. São Francisco, nº 79 - St. Santa Genoveva - Goiânia - GO

CARPELLI

CARREGADEIRAS E PEÇAS LTDA

CLARK EQUIPMENT MICHIGAN FIATALLIS CASE

Fone: (62) 4006-1699

Av. São Francisco, nº 59 - Setor Santa Genoveva - Goiânia - GO

COMO VIVER SEM VIOLÊNCIA NO LAR

DARLENE LUZIA PEREIRA SILVA E ONILDO ALVES DA SILVA

Quando nos casamos, acreditamos que a pessoa que escolhemos tenha sido a melhor opção de nossas vidas. Caso contrário, já estamos colocando em risco todo nosso relacionamento e, por conseguinte, a nossa felicidade.

Sabemos – e isto já deveria nos ter sido ensinado desde a nossa infância – que não devemos brincar com os sentimentos das outras pessoas, principalmente com aquelas que acreditam na instituição do casamento como uma das realizações dos seus sonhos.

Mesmo assim, muitas pessoas ainda vão para o casamento despreparadas, imersas em inúmeros tipos de problemas e dificuldades, esperando que, depois de casadas, tudo será mais fácil de ser resolvido.

Na realidade, o que se anuncia é um grande “caldeirão” de problemas, já que os traumas de um somados aos problemas do outro acabam aumentando em vez de diminuir. Com isso, tudo se complica, e o relacionamento do casal tende a se agravar ainda mais.

No casamento, é preciso ter maturidade para saber “negociar” e “permutar” certas atitudes e comportamentos que são imprescindíveis para a duração dele.

Infelizmente, existem casais que, durante a caminhada a dois, encontram muitas dificuldades em renunciar a algumas atitudes e comportamentos que são indispensáveis para se ganhar a simpatia e o coração do(a) companheiro(a).



Muitas vezes, são coisas muito pequenas, mas que representam muito para o outro, e não devem ser descartadas jamais, sob pena de condenar ao fracasso e muitas vezes já combalido relacionamento.

A verdade é que o casamento não se acaba por causa de apenas uma grande discussão ocorrida entre o casal, mas numa somatória de desentendimentos que vão gradativamente aniquilando a simpatia, a admiração e o respeito que nutrem o relacionamento a dois.

E, quando o elo da sustentação conjugal enfraquece, a relação conjugal tende a desmoronar e, com

MONT' SERRAT

CENTRO AUTOMOTIVO

4103-4601 | (62) 98178-7146

Instagram: montserratt.centroautomotivo

Av. Independência, Qd. 26, Lt. 07
Jd. Mont Serrat • Ap. de Goiânia-GO

Onildo Alves da Silva e Filhos
Advogados & Associados

Onildo Alves da Silva
Advogado • OAB/GO 2.278 • IBDFAM – Reg. 083

Av. 136, nº 797, Qd. F-44, Lt. 36-E, 10º andar
Sls. B-1001/B-1004, Ed. New York Square – Business Evolution
Setor Sul • CEP: 74.093-250 • Goiânia – GO

Tel.: (62) 3225-3232
Cel.: (62) 9972-7762
oniloadvogados@terra.com.br

IBDFAM
Instituto Brasileiro de Direito da Família

ela, tudo o que de bom aconteceu entre o casal. O que se conclui muitas vezes é que grande parte das pessoas casadas nos dias de hoje não tiveram tempo suficiente para namorar. Nota-se que, geralmente, elas ainda não se conheceram o suficiente para enfrentar a difícil arte de viver o matrimônio.

Entretanto, ninguém vai para um casamento pensando em se separar, e, infelizmente, quando menos se espera, a vida conjugal começa a desabar, tornando-se insuportável o que antes parecia satisfatório.

Quem não gosta de ouvir do (a) companheiro(a), eu te amo, você está lindo(a) ou mesmo seu cabelo ficou bem cortado, muito legal, essa roupa ficou bem em você etc. Muitas vezes nos esquecemos da "criança" que existe dentro de cada um de nós, que necessita ouvir palavras carinhosas e incentivadoras.

Esquecemos também, com o passar do tempo, de cuidar melhor de nós mesmos, da nossa aparência, em nos vestirmos melhor para agradarmos o(a) companheiro(a), como nos tempos de namoro e de noivado.

Nos esquecemos também, com o passar dos anos, de sermos cordiais um para com o outro. Agimos muitas vezes de forma grosseira, indiferente e deselegante com a pessoa que nos propomos amar, quando deveríamos agir sempre de forma a impressioná-la, como no dia em que o casal se conheceu.

Vivemos com os "nervos à flor da pele". A brutalidade tomou conta de todos nós. Perdemos as nossas "raízes" e nos embrutecemos cada dia mais. O mundo parece que nos transformou em bravos animais diante da correria do dia a dia

Da mesma forma nos alteramos dentro de casa. O marido que antes

era pontual e extremamente preocupado com a esposa passa curiosamente a chegar tarde em casa. Se a sua profissão não justifica tal atraso, ou seja, se o "maridão" não é, por exemplo, "guarda noturno", "médico plantonista", etc., nada pode exonerá-lo de tais atitudes, e tudo não passa de falta de responsabilidade com o compromisso matrimonial empenhado. Em outras palavras: falta de caráter.

É o esposo(a) que se encontra sempre nervoso(a) com tudo e com todos, justamente para impedir a "inconveniente" aproximação da pessoa amada.

*"Vivemos com os
"nervos à flor da
pele". A brutalidade
tomou conta de todos
nós. Perdemos as
nossas "raízes" e nos
embrutecemos cada
dia mais."*

Este homem sempre está reclamando da situação financeira, e nunca tem dinheiro para a esposa e para os filhos. Na verdade, este "chefe de família" poderá muitas vezes estar gastando as finanças da família com pessoas estranhas ao lar.

É o esposo que está sempre fugindo de suas obrigações sexuais com a esposa. Sempre reclama cansaço, indisposição, enxaqueca e outras coisas mais, para não ter de dizer que está gastando as suas energias sexuais com outra.

É aquele que nunca procura sair junto com a esposa e filhos, e,

quando sai junto com sua família, está sempre de mau humor.

Sempre procura fugir de igrejas e templos, e de tudo referente a Deus, já que a forma como ele se encontra vivendo destoa de todos os tipos de ensinamentos religiosos. Ele procura evitar falar a respeito de qualquer assunto que envolva fé e religião, pois se envergonha dos seus erros cometidos contra o compromisso conjugal.

É o marido que está sempre improvisando viagens, e, quando chega no local programado, a esposa nunca consegue localizá-lo, por mais estranho que aquele local pareça ser. As viagens, curiosamente, nunca são lembradas de forma agradável pela família.

Por outro lado, devemos também considerar a esposa que está sempre nervosa com o marido e os filhos, já essa que, muitas vezes, não tem qualquer explicação plausível. Pode ser o sinal, muitas vezes, de que aquela esposa tem outra pessoa que a "entende melhor do que o marido".

É a esposa que está sempre procurando fugir das carícias, dos abraços, e das práticas sexuais do marido, alegando sempre cansaço e outras indisposições de origens diversas. É aquela que se encontra "menstruada" praticamente o mês inteiro, e muitas vezes nem procura um tratamento médico. Não tem, em resumo, a coragem de dizer "eu tenho outro" e "não gosto mais de você".

Sempre está reclamando de tudo e de todos, e nunca está satisfeita com o que possui. Procura única e exclusivamente destaque nas colunas sociais, esquecendo-se da família e das pessoas que realmente a amam.

É a dona-de-casa que, ao se levantar de manhã, já vem "armada com explosivos", esperando a primeira pergunta inconveniente para bombardear a todos que se aproximarem dela. É, no mais das vezes, o tipo de mulher mandona, impaciente e deseducada, que ninguém suporta ficar por perto.

Há também um outro tipo de esposa que não encontra tempo para ficar em casa com o marido e com os filhos. Quando encontra, torna-se inexplicavelmente insuportável e ninguém consegue ficar "à toa" perto dela.

Não podemos deixar de mencionar também inúmeros outros fatores que influenciam o casal a promover a tão repudiada separação. Vejamos.

Os vícios, sejam eles referentes às bebidas alcoólicas, aos entorpecentes, ou até mesmo aqueles que aparentemente não fazem qualquer mal à saúde, como os jogos de azar ou a "internet" (que escraviza o cônjuge navegante através das madrugadas), destroem paulatinamente as bases do casamento, haja vista a indissociável solidão que impõe cada um destes vícios.

O ciúme excessivo é, também, outro fator crucial de destruição do casamento, já que ele acaba privando a pessoa de ser ela mesma.

Na verdade, "ninguém é dono de ninguém". E a pessoa ciumenta se sente a dona do outro.

Para viver o casamento, é extremamente importante viver a liberdade, contanto, é óbvio, que esta liberdade não venha prejudicar o relacionamento do casal, à guisa de manter acesa a "chama do casamento".

*"É importante também
procurar gostar das
coisas que o outro
gosta, contanto que
isto não represente o
prejuízo do bem-estar
e da harmonia da
família."*

Não se pode pensar que, para viver um bom casamento, seja preciso mudar a outra pessoa. Mude a você primeiro, e não espere que o outro se modifique por você.

Achamos normal mudar de casa, de apartamento, de roupa, de cidade, de carro, mas achamos inconcebível mudarmos de comportamento.

E, para viver o casamento, temos que promover uma mudança diária

em nós mesmos, mudança essa não na nossa forma de ser, mas na forma de agirmos diante da pessoa amada, buscando sempre com isso entendê-la melhor.

Por isso, é normal aconselharmos aos casais que mantenham sempre um bom diálogo com o(a) seu(a) companheiro(a), e se esforcem em ouvir mais do que falar diante do outro.

Saiam sempre juntos se possível, seja para ir a um cinema, a um futebol, uma pescaria, a uma feira, supermercado, baile, ou mesmo uma simples caminhada. Enfim, tudo deve fazer parte da vida do casal, porque é nas pequenas coisas do dia a dia que o casal se une e se descobre cada vez mais.

É importante também procurar gostar das coisas que o outro gosta, contanto que isto não represente o prejuízo do bem-estar e da harmonia da família.

É importante que o casal não tenha medo de dizer para o outro: "eu preciso de você", principalmente quando você se sente disposto em fazer o outro feliz.

Muito importante também é procurar valorizar a presença do companheiro(a) quando o casal estiver junto, dando-se mais ênfase à qualidade do tempo em comum.



HÁ MAIS DE 50 ANOS ENVIANDO PARA TODO O BRASIL !

• FERRAMENTAS ESPECIAIS	• VIDROS
• EXPOSITORES	• ESTOJOS
• PULSEIRAS	• PEDRAS
• BATERIAS	• PEÇAS

Venda e Manutenção em Joias e Relógios.
Atacado e varejo.
"Você conhece, você confia!"

LOJA CENTRO : Rua 5 nº98 Goiânia-GO TEL: (62) 3223-6399 (62) 98408-8630	LOJA CAMPINAS: Av. Alberto Miguel nº601 Goiânia-GO TEL: (62) 3233-6566 (62) 98408-8629
--	---

GOIÂNIA-GO



@FORCOL_VENDAS

Por isso, é bom que o casal se conscientize da importância um do outro em sua vida, e tente valorizá-la o quanto antes, porque, infelizmente, temos a tendência de só valorizar aquilo que um dia perdemos.

É extremamente importante que o casal, antes de procurar a Justiça para se separar, se disponha a procurar Deus antes de tudo, orando para que Ele perdoe o outro nos erros eventualmente cometidos e nos dê forças para nos doarmos cada vez mais.

Segundo os Drs. John Gottman e Nan Silver, pessoas que vivem casamentos felizes tendem a viver quatro anos a mais e a ter melhor saúde do que aquelas que se divorciaram ou são infelizes no casamento. (In: "Sete Princípios Para o Casamento Dar Certo", 1999, Objetiva, p. 17)

Uma separação ou um divórcio, no dizer dos doutos psicólogos, poderá abaixar sensivelmente o nível do funcionamento do sistema imunológico dos separados, sistema este que, como se sabe, é o responsável pela defesa do corpo contra as doenças.

E a diminuição da capacidade de o sistema lutar contra os invasores estranhos pode deixar o indivíduo aberto a um maior número de doenças infecciosas e ao câncer.

Desta forma, é muito importante que o casal, antes de se separar, faça todo o possível para esgotar todas as alternativas possíveis e imagináveis para uma reconciliação, perdendo o outro quantas vezes forem necessárias. Começar e recomeçar uma nova caminhada tudo de novo, se possível.

Se viver a dois é difícil, imagine viver só, sem ter alguém para conviver e consolar no final da vida?

Infelizmente, grande parte das separações acontecem não porque o casamento "não presta", e sim porque as pessoas que o compõem não se prestaram a abraçar definitivamente os compromissos que um dia declararam um ao outro, diante de Deus.

As questões acima relatadas, foram todas empiricamente presenciadas em nosso escritório de advocacia, e nos fazem chegar a conclusão de que não existe uma separação benéfica para o casal. Há, quando muito, uma maneira de

"Se viver a dois é difícil, imagine viver só, sem ter alguém para conviver e consolar no final da vida?"

se evitar traumas maiores para as partes envolvidas, principalmente para os filhos, estes as criaturas mais prejudicadas de uma experiência tão devastadora como é a separação.

Outra conclusão inquestionável a que chegamos em nossas pesquisas do dia a dia, é que a pessoa que um dia se casa jamais conseguirá viverá sozinha sem ter alguém para amar e ser amado. Após um eventual fracasso num relacionamento, esta pessoa torna-se demasiadamente exigente na escolha de um novo companheiro(a) que possa preencher o vazio existente, já que passa

curiosamente a não mais acreditar numa união estável e duradoura com outra pessoa, justamente em função dos fracassos e sofrimentos vividos no relacionamento anterior.

E, supondo ainda que aquela pessoa consiga se encontrar num novo relacionamento, notamos que esta segunda união tem, curiosamente, a tendência de se tornar um pouco mais complicada, em vista das naturais comparações feitas pelos cônjuges com relação ao relacionamento anterior.

Este novo relacionamento, em função destas peculiares situações, já começa enfraquecido, com seríssimas chances de acabar logo no início, pois a violência entre os casais começa e se avoluma com as pequenas discussões.

Por isso, é que alertamos aos casais para que, sempre que possível, façam de tudo para manter "de pé" o casamento original, procurando respeitar os conhecidos ensinamentos bíblicos que sustentam: "...nunca separeis o que Deus um dia uniu".

E, uma vez juntos, procurar aceitar o outro(a) como ele(a) é, e não como você gostaria que ele(a) fosse.

Infelizmente muitos casais herdaram de seus pais, comportamentos violentos que ainda utilizam na correção dos filhos como forma de educar, quando na realidade não se bate para educar.

É importante sabermos que o mundo mudou, as pessoas mudaram, e nós mudamos, infelizmente muitos pais ainda não mudaram e continuam ainda no tempo dos dinossauros.

REFLEXOS DA VIOLÊNCIA

O desenvolvimento da criança e como construir a cultura da paz na família

JACQUELINE CALAÇA RODRIGUES E VALDECI RESENDE RODRIGUES*

É na relação em família que ocorrem os fatos mais expressivos da vida das pessoas, tais como a descoberta do afeto, da subjetividade, da sexualidade, a experiência da vida, a formação de identidade social. A ideia de família refere-se a algo que cada um de nós experimentamos, repleta de significados afetivos, de representações, opiniões, juízos, esperanças e frustrações.

Falar de família é falar de algo que todos já experimentaram. É o espaço íntimo, onde seus integrantes procuram refúgio, o porto seguro sempre que se sentem ameaçados. No entanto, é no núcleo familiar que também acontecem situações que modificam para sempre a vida de um indivíduo, deixando marcas irreparáveis em sua existência, uma dessas situações é a violência doméstica contra a criança e o adolescente. Uma estatística não muito agradável. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) do IBGE, 29,1 milhões de pessoas com 18 anos ou mais, sofreram algum tipo de violência (psicológica, física ou sexual) em um ano. Para as mulheres, a residência e pessoas conhecidas foram os principais destaques das agressões.

Vítimas totais — A violência atingiu 19,4% das mulheres no país (cerca de 14,1 milhões de mulheres) em 2019. (Agência de Notícias – IBGE); **Local da**



agressão física — Em 72,8% dos casos reportados por mulheres, a violência física aconteceu dentro de suas próprias residências. (IBGE – Educa); **Perfil do agressor** — Em mais de 85% dos casos, o agressor era alguém conhecido da vítima, como parceiro ou ex-parceiro íntimo, parente, amigo ou vizinho. (IBGE – Educa); **Tipos de agressão e vínculos** — Companheiros, ex-companheiros ou parentes foram responsáveis por 52,4% das

ESTAÇÃO DO SONO
A loja do preço justo

(62) 3941-3845
 @estacaodosono

(*) **Darlene Luzia Pereira Silva e Onildo Alves da Silva** — Casal membro do Conselho Consultivo Nacional da EPB. Membro da EPB Goiânia, ele advogado na área de família, membro do Instituto Brasileiro de Direito de Família (IBDFAM) e autor do livro: Casamento – Vencendo as crises e os desafios.

violências físicas, 32,0% das psicológicas e 53,3% das sexuais sofridas por mulheres. (Agência de Notícias – IBGE).

O que é violência doméstica?

De acordo com o art. 5º da Lei Maria da Penha, violência doméstica e familiar contra a mulher é “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial”.

Todo ato ou omissão, praticado por pais, parentes ou responsáveis contra crianças e/ou adolescentes que, sendo capaz de causar dano físico, sexual e/ou psicológico à vítima, implica numa transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, por outro lado, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento. (Azevedo E Guerra, 2001)

Diante de fatos e realidades desafiadoras, qual a consequência da violência doméstica para as crianças?

A violência contra crianças no contexto intrafamiliar representa uma problemática multifacetada,

cujas repercussões extrapolam os limites da esfera individual e incidem diretamente sobre o tecido social. De acordo com alguns estudos, o ambiente doméstico é um o espaço de risco, onde relações assimétricas de poder e vínculos afetivos fragilizados favorecem a naturalização e a perpetuação de práticas violentas.

Os impactos dessa realidade são expressivos e se manifestam em diferentes níveis do desenvolvimento

“Diante de fatos e realidades desafiadoras, qual a consequência da violência doméstica para as crianças?”

infantil, comprometendo aspectos físicos, emocionais, cognitivos e sociais. Crianças expostas à violência sistemática tendem a carregar marcas psicológicas profundas, que podem perdurar por toda a vida e influenciar negativamente sua inserção social e qualidade de vida. Em vista disso, observa-se a urgência de ações articuladas e contínuas que envolvam o fortalecimento das

redes de proteção, a ampliação do acesso a serviços de saúde mental e assistência social, bem como a implementação de políticas públicas que privilegiem a prevenção e o suporte integral às vítimas.

Portanto, é fundamental reconhecer a violência infantil, não apenas como um evento isolado, mas como expressão de estruturas sociais desiguais e de fragilidades nos vínculos familiares. Somente por meio de abordagens interdisciplinares, educação e ações na família e de um compromisso ético e político coletivo será possível enfrentar essa violação de direitos e promover o desenvolvimento saudável as crianças, assegurando-lhes condições dignas para o florescimento pleno de suas potencialidades.

O diagnóstico da violência doméstica constitui-se em um desafio, principalmente por ser assunto complexo e polêmico, que afeta e altera toda a estrutura familiar. Por isso, muitas vezes os atos violentos ficam limitados a quatro paredes do que se chama “lar”, ou então, a violência é utilizada com pretexto para uma boa educação.

Prevenir a violência doméstica entre adultos exige desconstruir padrões comportamentais

machistas por meio de campanhas públicas contínuas, grupos reflexivos para reeducação de agressores, capacitação de profissionais da rede de apoio e promoção ativa da cultura do diálogo e da igualdade de gênero nos espaços sociais e de trabalho.

Estratégias Educativas para Adultos grupos reflexivos: Promover espaços de responsabilização e diálogo para homens onde discutam masculinidade, controle e resolução pacífica de conflitos.

Campanhas contínuas — Divulgar amplamente em mídias de massa os sinais sutis de abuso psicológico, patrimonial e moral antes que evoluam para agressões físicas.

Capacitação profissional — Treinar equipes de saúde, assistência social e segurança para identificar sinais silenciosos de abuso e acolher sem julgamentos.

Diálogo corporativo — Inserir palestras e diretrizes sobre respeito e prevenção a violência de gênero em empresas e órgãos públicos.

A educação pode mudar esta realidade, a paternidade e a masculinidade devem ser construídas com responsabilidade.

O Homem é ensinável

O que está sendo ensinado para as crianças e nossos jovens?

Estamos ensinando a criança do sexo masculino, respeitar a mulher (a colega) da escola?

Estamos ensinando a criança do sexo feminino, respeitar o homem (o colega) da escola?

Estamos ensinando a criança a respeitar o diferente, o (a) colega com deficiência?

Nosso comportamento é gentil e acolhedor, é educado com o outro? Como uma mãe e um pai se tratam?

Talvez seja fácil pedir paz ao mundo, mas, eu sou construtor da paz? Minhas palavras aproximam ou afastam as pessoas? Minha presença traduz serenidade ou conflitos? Minha casa é um lugar de respeito, de escuta, diálogo ou de contantes discussões?

Quanto devemos refletir...quebrar paradigmas, romper com uma educação masculina de controle, de domínio sem perder a essência da masculinidade, do homem protetor, provedor, não somente de bens materiais, mas de bens emocionais, espirituais, amor, afeto, respeito, colaboração no lar.

Quando um homem entender que sua relação com sua esposa, seus filhos, de quem ele está cuidando deve ser sacrificial, ao ponto d'ele amar tanto que dá a sua vida por quem ama, assim a violência doméstica terminará.

Não existe paz verdadeira sem acolhida, não existe paz onde há orgulho, indiferença e divisões. A paz começa dentro do coração, passa pela família, alcança a comunidade e transforma a sociedade.

Referências

- AZEVEDO, Maria Amélia et all. Organização da Infância e Violência Doméstica: fronteiras do conhecimento. São Paulo, Cortez, 1997.
- AZEVEDO, Maria Amélia e GERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. Com licença vamos à luta. São Paulo: Editora Iglu, 1998.
- Fabiane Klazura Rosas Pedagoga. Concluinte do Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional – IBPEX
- Maria Inês Gonçalves Dias Cioneck Pedagoga. Concluinte do Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional – IBPEX

(*) **Jaqueline Calaça Rodrigues e Valdeci Resende Rodrigues.** Casal Presidente da EPB Goiânia.

Aconchego
ENXOVAIS
CAMA • MESA • BANHO

(62) 99901-8699
@aconchegoenxovaisgo
aconchegoenxovais2021sm@gmail.com

Deus é Fiel

Av. Hilário S. Figueiredo, Qd. 33, Lt. 08
CEP: 74.780-250 • Santo Hilário • Goiânia - GO

Nasa
Ferramentaria e Usinagem

Wilian 9954-1003 | Welinton 9614-5991
Fone/Fax: (62) 3204-1772
e-mail: nasatorneadora@hotmail.com

Rua Cremona Qd. 03 Lt. 08 - Galpão Jd. Abaporu
Goiânia - GO - CEP: 74860-008

Papelaria do Estudante

52 anos de tradição • Compras no atacado e varejo
Material para escritório, escolar, artístico e informática

Rua 4, nº 803, Centro – Goiânia-GO | Telefone/WhatsApp: (62) 3223-0032 | papelariaestudante@hotmail.com | Instagram: @papelariadoestudentegyn

REFLEXOS DA VIOLÊNCIA NO DESEMPENHO ESCOLAR

TATIANE PONTIERI*

A Escola é um espaço onde a criança deve se sentir segura para desenvolver suas habilidades cognitivas, emocionais e sociais, construir vínculos e viver experiências que contribuam para a formação de suas memórias afetivas. Essa sensação de segurança, pode ser profundamente afetada quando a criança ou o adolescente é exposto a algum tipo de violência. A violência não afeta apenas o comportamento, suas repercussões podem alcançar diferentes áreas do desenvolvimento, interferindo na aprendizagem, na atenção, na memória, nas relações sociais e até mesmo no vínculo estabelecido com a escola. Diante de situações de medo, insegurança ou sofrimento, a criança pode apresentar dificuldades para se concentrar, aprender e organizar informações. Essas dificuldades podem se manifestar de diferentes maneiras no cotidiano escolar. A criança pode apresentar queda no desempenho acadêmico, dificuldade de concentração, esquecimentos, faltas frequentes, desmotivação, isolamento, irritabilidade, alterações no comportamento e dificuldade para realizar ou concluir tarefas. É importante compreender que essas manifestações não devem ser imediatamente interpretadas como falta de interesse, preguiça ou incapacidade para aprender. Muitas vezes, podem representar sinais de que a criança está enfrentando alguma situação que precisa ser compreendida e acolhida.

Quando essas alterações não são identificadas adequadamente, podem contribuir para um ciclo de dificuldades que ultrapassa o rendimento escolar e interfere também na autoestima, nos relacionamentos e no vínculo da criança com o processo de aprendizagem. Por isso, compreender os possíveis reflexos da violência no contexto escolar é fundamental para que o comportamento e o rendimento sejam analisados para além das notas, considerando também sua história, suas experiências e suas necessidades emocionais e cognitivas. Um olhar multiprofissional torna-se fundamental para compreender a criança de forma integral, identificar suas necessidades e direcionar as intervenções de



maneira adequada. A atuação conjunta entre família, escola e profissionais de diferentes áreas pode contribuir para a construção de estratégias de acolhimento, acompanhamento e suporte, favorecendo não apenas o desempenho escolar, mas também o desenvolvimento global e o bem-estar da criança.

(*) **Tatiane Pontieri.** Neuropsicopedagoga Clínica — SBNPp:10320.

Dra. Helena Rosa Gomes de Castro
Odontóloga • C.R.O.-GO: 1069
(62) 3251-7871 | (62) 99977-9897
Av. Haiti (C-205), Qd. 480, Lt. 16, nº 95
Jd. América, Goiânia-GO • CEP: 74.270-020

“LAR DOCE LAR”

JOSÉ CARLOS RICCIOPPO*

Essas três palavras são universais. “home Sweet home” em inglês; “evim, guzel evim” na Turquia; “casa dolce casa” na Itália; “trautes heim, Gluck allein” na Alemanha; “hogar Dulce hogar”, na Espanha; “hemma ljuva hem” na Suécia e assim se sucede em todos os países desse planeta. Minha intenção com esse texto, é tentar mostrar que o **LAR** é universal e contém os mesmos princípios que devem habitar uma casa, onde poderemos chamar de “lar”.

Existe um texto, inspirado numa reflexão de Alba Magalhães David, que mostra a diferença entre Casa e Lar, que gostaria de mostrar e tentar analisar cada uma das frases atribuídas aos dois conceitos. Vejamos:

“Casa é uma construção de cimento e tijolos, Lar é uma construção de valores e princípios”. Isso é totalmente verdadeiro. A diferença é enorme. A educação começa no lar (minha, sua, nossos filhos e os filhos de nossos filhos...). É dentro da família que os primeiros passos para a liberdade de escolhas são ensinados e exemplificados. Isso só pode ser efetivado dentro de um lar. A casa é só o abrigo para a prática dessas ações.

“Casa é o nosso abrigo das chuvas, do calor, do frio...Lar é o abrigo do medo, da dor e da solidão”. Essa afirmação é tão verdadeira que nem precisamos analisar. É no lar que resolvemos nossos desafios do dia a dia. Caímos e nos levantamos. Avançamos na troca de experiências. Acolhemos em momentos de sofrimento. Dividimos os momentos de incerteza. Somos, individualmente, o amparo de cada um.

“Casa é o lugar onde as pessoas entram para comer. Onde temos pressa para sair e retardamos a hora de voltar. Lar é onde os membros da família anseiam por estar nele, onde refazem suas energias, alimentando-se de afeto e encontram o conforto do acolhimento. É onde temos pressa de chegar e retardamos a hora de sair”. Que maravilha de afirmação. Todos os lares que refletem essa definição são lares felizes, agradáveis, acolhedores, satisfeitos. Mostram o quanto é legítima a integração entre seus ocupantes. Fazem questão de estarem juntos, dialogando, fazendo escolhas aonde ir, onde passar as férias, o que comer



no domingo, no dia de Natal, no Dia das Mães, dos pais. Resumindo: adoram estar dentro do lar.

“Em uma casa criamos e alimentamos problemas. O lar é o centro de resolução de problemas”. Será verdade? Se o lar é o local no qual somos presentes, gostamos de estar junto com os nossos familiares, de amigos, fazemos nossas escolhas livremente, dentro de valores e princípios cristãos. Por que, não? É a lógica. Se dentro do lar somos responsáveis por tudo que acontece, claro e evidente que saberemos solucionar todos os problemas que aparecerem. É o local sagrado por Deus todo poderoso.

“Em uma casa moram pessoas que mal se cumprimentam e se suportam. No lar vivem companheiros que mesmo na divergência se apoiam e nas lutas se solidarizam” Notem bem essa diferença. Quem gostaria de viver em um local onde não houvesse a presença do respeito, da tolerância, do perdão e do companheirismo? Não seria um pequeno inferno aqui na terra? No Lar essa possibilidade é nata. O memo sangue circula por todos os cantos do lar. O aconchego, o bem querer, a vontade de abraçar, de estar sempre juntos, seria constante.

Posto Aldeia
BR PETROBRAS

100 TANQUES CHEIOS TODO DIA

CONVENIÊNCIA

CONVÊNIOS

24 HORAS

MUITO MAIS QUE UM POSTO

Conveniência
Salgados, Pizzaria e Hamburgueria

@ALDEIAFOOD

FAÇA SEU PEDIDO
62 99955-5296

@postoaldeia
(62) 3207 - 3536

Av. Vera cruz Qd. 137 Lt. 1/2/3
nº 2223 Jd. Guanabara - Goiânia - GO

“Casa é local de dissensões, conflitos, discórdia... No lar as dissensões, os conflitos, existindo, servirão para esclarecer e engrandecer”. Isso mesmo. Somente com os costumes do bem viver, do aprendizado, do crescimento interior, da vivência entre pessoas. Do aprender a ser leal, a fazer escolhas, a ser liberto racionalmente, tenho certeza de que saberemos apaziguar os conflitos e encerrar os confrontos.

“Em uma casa desdenham-se de nossos valores. No lar sonhamos juntos”. Que sentença mais humana. Sim. É dentro do lar que sonhamos com o amanhã, vivendo o hoje com os ensinamentos do passado. O que sere-mos amanhã? Cada membro da família, seguirá seu caminho. O que importa para os pais? Somente tentar colocar seus filhos em barcos seguros para que cheguem a um porto seguro. É claro que haverá turbulências, tempestades, calmaria, ventos fortes, fracos. Mas os alicerces formados por todos os mora-dores desse lar, serão o travamento de qualquer acidente, permitindo uma atracagem segura.

“Em uma casa há azedume e destrato. No lar sempre há lugar para alegria.” Outra afirmação totalmente verdadeira. Já mencionei lá traz, o que fazemos num local onde a alegria de estar presente, de usufruir desse cantinho tão grandioso, de aparecer, de ser ouvido, de participar, de ser parte deles é positivo? De forma alguma. Temos a decisão racional de estar dentro de um lar. É lá que serei visto, aceito (com todos os meus defeitos), ajudado, orientado, amado. Quem pensar o contrário, aconselho a procurar ajuda.

“Na casa nascem muitas lágrimas. No lar plantam-se sorrisos”. Como é doce um lar verdadeiro. Por isso no preâmbulo, citei alguns títulos usados em outros países, nada é mais doce do que um lar. **“Lar doce lar”** deveria

ser digerido por todos os cidadãos de bem. Só no lar, formaremos verdadeiros cidadãos que amanhã serão nos políticos, professores. Médicos, odontólogos, psicólogos, ou apenas pais ou avós. O importante é cada lar continue sendo doce (da vovó, da mamãe). Mas o doce a que me refiro é o sentimento de ao chegar no lar, um paraíso esteja na porta de entrada.

“A casa é um nó que oprime, sufoca. O lar é um ninho que acolhe”. Uma sentença que não trás nenhuma dúvida. De tudo que foi dito nos parágrafos anteriores, quem saiu ganhando com os argumentos, exemplos, Alicerce pleno e bem profundo? Se um membro do lar se afastar, por questão particular e resolver voltar. Será aceito? É claro. **“o bom filho a casa retorna”.** Então podemos afirmar, sem dúvida alguma, que é no LAR que se forma um cidadão. Então nosso propósito é, a partir desse momento, fomentar, fortalecer e dar prioridade ao último pedido do nosso texto.

“Se você ainda mora em uma casa, nós o convidamos a transformá-la, com urgência, em um lar...”

Bom. Tendo exposto esse texto, provando a importância da família na vida dos cidadãos, vou entrar no assunto “violência doméstica”. Tema principal do nosso seminário. Sou obrigado a fazer uma pergunta que anda me angustiando bastante nos dias de hoje. Se pode existir um “lar doce Lar”, por qual razão o mundo se virou e está transformando o lar em um campo de batalha? O que está acontecendo? E essa violência não anda atacando somente os filhos. Pior ainda. Os cônjuges, que deveriam serem os árbitros dos conflitos, pois habitam o que mostramos ser um lar, não estão conseguindo se entenderem. Quem está em desvantagem é a mulher. Por acaso seu comportamento não seduz mais o homem? O homem se esqueceu que

a mulher foi tirada de uma costela dele? Sim. A mulher também tem sangue correndo nas veias e artérias. A única diferença entre o homem e a mulher é sistema gestatório. O homem é reprodutor e a mulher é a receptora. No restante, ela é igual a qualquer homem (braços, pernas, mãos, coração, rins, pulmão, cérebro, pele...).

Não existe razão lógica para o que está acontecendo no mundo. Algumas situações mudaram, é claro, o mundo é um eterno desenvolver. Mas não justifica o uso de violência dentro de um verdadeiro lar, como foi mostrado acima. O que falta para se construir um mundo sem essa violência desenfreada? Infelizmente é um processo longo. Não se muda

comportamento da noite para o dia. Ajuda de terceiros, com experiência nessa área, seria um começo. Modificar os ensinamentos no lar, mostrando aos filhos o respeito que

“Se você ainda mora em uma casa, nós o convidamos a transformá-la, com urgência, em um lar...”

devemos ter para com terceiros, seria importante. Criar escolas para pais e esposos, com uma doutrina voltada para o diálogo, troca de

experiências, valores morais e espirituais. Convivência mútua, com aceitação das diferenças. Ensinar a aceitar o “outro” como ele é, e não como gostaríamos que fosse. Além dessas providências, o endurecimento das leis para punir esses contraventores da violência doméstica, também seriam bem-vindos.

Essa é minha contribuição para a formulação de uma nova ordem familiar, dentro dos princípios cristãos. Colocando o amor ao próximo como meta principal nessa reformulação. Não haverá “lar” se essas quatro letras (a.m.o.r.) que formam a base de qualquer relacionamento, for esquecida, abandonada, desfigurada e destruída pelo egoísmo, egocentrismo e esquecimento.

(*) **José Carlos Riccioppo.** Pai, avô, bisavô e membro da Escola de Pais do Brasil, seccional de Goiânia.

TRILHA²¹
Moto Peças

CABOS FLEXÍVEIS DE COMANDO
XS²¹

TMP
TECHNOLOGY MOTORCYCLE PARTS

VENDAS EXCLUSIVAS NO ATACADO

AV. INDEPENDÊNCIA, 6519 - ST. DOS FUNCIONÁRIOS, GOIÂNIA - GO

WWW.TRILHAMOTO21.COM.BR (62)3230-3100

@TRILHAMOTOPECASDIST (62)9903-3110

REPERCUSSÕES COMPORTAMENTAIS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Um olhar para o desenvolvimento e a saúde mental

LAÍS VOIGT*

O comportamento infantil e adolescente é resultado de uma interação constante entre fatores biológicos, emocionais, familiares, sociais e culturais. Durante o desenvolvimento, é esperado que crianças e adolescentes apresentem mudanças em sua forma de agir, pensar e se relacionar com o mundo. Entretanto, quando dificuldades comportamentais se tornam frequentes, intensas ou persistentes, podem impactar significativamente a qualidade de vida, as relações sociais, o desempenho escolar e o bem-estar emocional.

Nos últimos anos, observa-se um aumento das queixas relacionadas à irritabilidade, impulsividade, dificuldades de regulação emocional, baixa tolerância à frustração, ansiedade e dificuldades nas habilidades sociais. Diversos estudos apontam que fatores como o excesso de estímulos digitais, a redução das interações presenciais, as mudanças nas dinâmicas familiares e o aumento das demandas sociais e acadêmicas têm influenciado diretamente o comportamento de crianças e adolescentes.

É importante compreender que comportamentos considerados desafiadores não surgem de forma isolada. Muitas vezes, eles representam a maneira encontrada pela criança ou adolescente para comunicar necessidades, emoções ou dificuldades que ainda não conseguem expressar adequadamente. A agressividade, o isolamento, a oposição constante ou as crises emocionais podem ser sinais de sofrimento psicológico, dificuldades de adaptação ou ausência de estratégias eficazes de enfrentamento.

Nesse contexto, o ambiente familiar exerce papel fundamental. Pesquisas demonstram que vínculos afetivos seguros, rotina estruturada, presença de regras claras, acompanhamento parental e suporte emocional funcionam como importantes fatores de proteção para o desenvolvimento saudável. Da mesma forma, ambientes marcados por conflitos constantes, estresse



familiar, negligência ou falta de previsibilidade podem aumentar a vulnerabilidade para problemas emocionais e comportamentais.

Outro aspecto relevante é o desenvolvimento das habilidades socioemocionais. Crianças e adolescentes que aprendem a reconhecer emoções, lidar com frustrações, resolver conflitos e desenvolver empatia tendem a apresentar melhores indicadores de saúde mental e adaptação social. Por essa razão, família, escola e profissionais da saúde devem atuar de forma integrada, promovendo ambientes acolhedores, seguros e favoráveis ao desenvolvimento.

Mais do que corrigir comportamentos, é necessário compreender sua função e seu significado. Quando olhamos além daquilo que a criança faz e buscamos entender o que ela está tentando comunicar, abrimos espaço para intervenções mais eficazes e humanizadas. Investir na saúde emocional e comportamental durante a infância e adolescência é contribuir para a formação de adultos mais resilientes, autônomos e preparados para enfrentar os desafios da vida.

(*) Laís Voigt. Psicóloga infantil.

O REFÚGIO CHAMADO LAR

Caminhos para Construir a Paz em Família

MARIA VILMA T. SOUZA E JOANE AUGUSTO DE SOUZA

Em um mundo que gira cada vez mais rápido, onde as notificações do celular não param e as demandas externas parecem sugar nossas energias, a nossa casa deveria ser o destino da calma. No entanto, equilibrar rotinas, temperamentos diferentes e as pressões do dia a dia transforma, muitas vezes, o ambiente familiar em um cenário de tensões.

Alcançar a paz em família não significa viver em uma eterna ausência de conflitos — afinal, a convivência humana é complexa e plural. A verdadeira paz reside na forma como escolhemos lidar com as divergências e no espaço que criamos para o afeto. Ela não nasce pronta; é uma construção diária, feita de pequenos tijolos de paciência e empatia. A família é o primeiro lugar onde crianças aprendem valores e comportamentos.



O Poder da Escuta Ativa

O primeiro passo para harmonizar as relações é aprender a ouvir. Muitas vezes, escutamos os nossos filhos, parceiros ou pais já arquitetando uma resposta ou uma defesa na mente. A escuta ativa exige presença. Significa baixar as armas, olhar nos olhos e tentar compreender o sentimento por trás das palavras. Quando um membro da família se sente

genuinamente ouvido, a necessidade de gritar ou de se isolar desaparece.

Comunicação que conecta, não que afasta

A forma como nos comunicamos dita o tom do ambiente. Substituir a cultura da acusação ("Você sempre faz isso") pela cultura da expressão honesta

Lenita Brasil Pacheco
Psicóloga • CRP 09/002792

(62) 99147-6443

Maria Vilma Teixeira Souza
Psicóloga Clínica
CRP 09/15977

(62) 98156-8450
@mvilma30
mvilmatsouza@gmail.com

(“Eu me sinto sobrecarregado quando isso acontece”) muda completamente a dinâmica de uma conversa. Palavras de validação e agradecimento também funcionam como um lubrificante social poderoso. Um “obrigado por ajudar hoje” ou “eu entendo o seu lado” tem o poder de desarmar o mais resistente dos humores.

Muitas vezes, na pressa de corrigir um comportamento, esquecemos de acolher o sentimento por trás dele. Uma criança que chora alto ou um adolescente que se isola no quarto estão, à sua maneira, tentando comunicar algo que não conseguem traduzir em palavras gentis. Antes de ditar as regras, precisamos praticar a escuta afetiva: abaixar-se até a altura dos menores ou sentar-se na cama dos maiores, olhando nos olhos e demonstrando que estamos ali para apoiar, e não apenas para julgar.

Outro pilar essencial é a previsibilidade aliada ao afeto. Filhos prosperam em ambientes que oferecem rotina e limites claros, pois isso lhes traz segurança emocional. Saber o que esperar do dia e compreender as regras da casa reduz a ansiedade de

toda a família. Porém, essas regras devem ser aplicadas com firmeza amorosa, trocando os gritos — que apenas geram medo e afastamento — por conversas firmes sobre consequências e responsabilidade.

“Não existe família perfeita. Todos nós falhamos, perdemos a paciência e dizemos coisas de que nos arrependemos.”

Tempo de Qualidade na Era Digital

A tecnologia nos aproximou de quem está longe, mas, ironicamente, pode afastar quem se senta ao nosso lado na mesa de jantar. Estabelecer momentos “livres de telas” — como durante as refeições ou uma hora antes de dormir — abre espaço para o olho no olho. Jogar um jogo de tabuleiro, cozinhar juntos ou simplesmente conversar sobre como foi o dia fortalece os

vínculos invisíveis que sustentam a estrutura familiar.

Cultivando o Perdão Diário

Não existe família perfeita. Todos nós falhamos, perdemos a paciência e dizemos coisas de que nos arrependemos. Por isso, o perdão é o oxigênio da vida em comum. Guardar ressentimentos acumula uma poeira invisível que, com o tempo, sufoca o carinho. Pedir desculpas (inclusive aos filhos) ensina pelo exemplo que errar faz parte do processo, mas que o respeito mútuo é inegociável.

Cuidar do clima da nossa casa é o investimento mais seguro que podemos fazer para a nossa saúde mental e emocional. Que hoje possamos dar o primeiro passo, por menor que seja, para transformar o nosso lar no porto seguro que todos nós merecemos encontrar ao final do dia.

Construir uma cultura de paz na família é um processo contínuo, feito de escolhas diárias. Quando cada membro se compromete com respeito, empatia e cooperação, o lar se torna um verdadeiro espaço de acolhimento e inspiração para o mundo lá fora.

(*) **Maria Vilma T. Souza e Joane Augusto de Souza.** Casal membro associado da EPB Goiânia. Ela: Psicóloga clínica.

LIVRE

QUANDO O LAR DEIXA DE SER SEGURO

Os impactos psicológicos da violência doméstica na infância e na adolescência

MICHELE TINOCO DOS SANTOS ARANHA*

O que uma criança ou adolescente aprende sobre si, sobre o outro e sobre o amor quando cresce em um ambiente marcado pela violência?

A casa deveria ser o primeiro lugar onde a criança aprende que o mundo pode ser seguro. É dentro da família que ela constrói, inicialmente, suas referências de amor, proteção, confiança, limites, pertencimento e convivência.

Mas quando esse ambiente é marcado por gritos, ameaças, humilhações, agressões, controle, negligência ou constantes conflitos entre os adultos, a sensação de segurança pode ser profundamente afetada. A violência doméstica não atinge somente quem é diretamente agredido. Ela atravessa toda a dinâmica familiar e pode deixar marcas importantes também em crianças e adolescentes que convivem com essa realidade.

Mesmo quando não são o alvo da agressão, crianças e adolescentes, podem testemunhar os conflitos, tentar proteger alguém, cuidar dos irmãos, intervir nas discussões ou assumir responsabilidades que não correspondem à sua idade. Muitas vezes, o adulto acredita que a criança e o adolescente “não viu” ou “não



entendeu”, mas eles podem ter percebido e, principalmente, sentido. **E quando o comportamento fala pelo que a criança ainda não consegue dizer?** Crianças pequenas nem sempre conseguem compreender ou nomear aquilo que estão vivendo. Entretanto, percebem o tom de voz, o silêncio, o medo, as mudanças de comportamento e o clima emocional da casa.

FLUIR
MULTICLÍNICA EM SAÚDE

Cuidar da mente é permitir que a vida flua com mais leveza e equilíbrio.

Michelle Tinoco
Psicóloga Clínica e Neuropsicóloga
CRP/09- 4821

Atendimento clínico na abordagem Gestalt terapia com criança, adolescente, casal, adulto e família.

Contatos:
62 99158-6874
62 98339-8187

Endereço:
Rua 9, Setor Marista
Goiânia - GO
CEP: 74150-140

Uma criança pode não dizer “estou vivendo em um ambiente inseguro”, mas demonstra seu sofrimento por meio de mudanças no comportamento: irritabilidade, choro frequente, retraimento, agressividade, medo, dependência, dificuldades para dormir, pesadelos, alterações alimentares, dificuldade de concentração ou queda no rendimento escolar. O comportamento, muitas vezes, é a linguagem encontrada pela criança para comunicar aquilo que ainda não consegue colocar em palavras.

Em um ambiente de constante tensão, ela pode aprender a observar o humor dos adultos antes de falar ou fazer qualquer pedido: “Será que agora é uma boa hora?”, “Será que ele/ela está bravo?”, “É melhor ficar quieto?”. Aos poucos, pode desenvolver um estado de alerta permanente, dificultando o relaxamento, a brincadeira, a aprendizagem e a espontaneidade.

A infância deveria ser um período de exploração e descobertas. Quando a criança precisa primeiro aprender a se proteger emocionalmente, parte dessa experiência pode ser comprometida pois, a culpa e a responsabilidade que não pertencem à criança passam a ser uma constância em sua rotina.

Outro aspecto importante é a maneira como a criança interpreta os conflitos familiares. Por possuir recursos emocionais e cognitivos ainda em desenvolvimento, ela pode acreditar que é responsável pelo que acontece em casa:

“Se eu tivesse me comportado melhor, eles não brigariam;”

“Preciso ser uma criança melhor para minha mãe/pai ficar feliz;”

“Preciso fazer alguma coisa para meu pai não ficar bravo.”

Essa culpa pode afetar diretamente sua autoestima e fazer com que ela acredite que precisa controlar o próprio comportamento para manter o ambiente familiar em equilíbrio.

É fundamental que pais, responsáveis e educadores reforcem uma mensagem clara: os conflitos e os comportamentos violentos entre adultos não são de responsabilidade

“Uma família saudável não é aquela onde nunca existem conflitos. Diferenças, frustrações e momentos de raiva fazem parte das relações humanas. O que faz a diferença é a maneira como esses conflitos são conduzidos.”

das crianças e nem dos adolescentes.

Em algumas famílias, a criança e o adolescente também passam a assumir funções emocionais ou práticas que deveriam pertencer aos adultos. Pode tentar proteger a mãe, cuidar dos irmãos, acalmar os pais ou esconder problemas para preservar a família. Esse processo pode ser compreendido como parentificação, quando a criança e o adolescente assumem responsabilidades incompatíveis com suas fases de desenvolvimentos.

Por isso, precisamos questionar: **essa criança está desenvolvendo autonomia ou está sendo obrigada a amadurecer antes do tempo?**

A violência também ensina. A família é um dos primeiros espaços de aprendizagem sobre relacionamentos. As crianças e os adolescentes aprendem muito observando falas, silêncios e comportamentos.

Quando presenciam conflitos resolvidos com gritos, podem compreender que gritar é uma forma de ser ouvido. Quando observam controle e possessividade, podem confundir essas atitudes com cuidado ou amor. Quando convivem com humilhações, podem naturalizar o desrespeito. Quando percebem que alguém precisa suportar tudo para preservar a família, podem associar amor a sofrimento.

Isso não significa que toda criança e adolescente expostos à violência irá reproduzi-la. Significa que experiências repetidas dentro dos vínculos familiares podem influenciar a maneira como ela compreenderá, no futuro, seus próprios relacionamentos.

E quando chega a adolescência?

Na adolescência, o sofrimento pode mudar de expressão. O jovem passa a compreender melhor as contradições existentes na família e pode sentir raiva, vergonha, revolta ou desejo de afastamento.

Alguns adolescentes se fecham; outros tornam-se agressivos, desafiadores ou buscam nos amigos aquilo que não encontram dentro de casa. Também podem surgir dificuldades escolares, isolamento, baixa autoestima, ansiedade, depressão e comportamentos de risco.

Por isso, diante de um adolescente que apresenta mudanças importantes, é necessário olhar além do comportamento. Antes

de perguntar “O que há de errado com ele?”, precisamos perguntar: “O que esse adolescente está vivendo e precisando?”

A adolescência também é um período fundamental para a construção da identidade e das primeiras experiências afetivas mais significativas. É quando surgem questões como: “O que é amar?”, “O que é respeito?”, “Até onde vai o ciúme?”, “O que é controle?”, “Posso dizer não?”.

Um adolescente que cresceu observando relações abusivas pode ter mais dificuldade para diferenciar cuidado de controle, ciúme de amor ou invasão de privacidade de demonstração de afeto. E isso pode se estender a fase adulta que torna preocupante atualmente onde temos uma crescente de crimes contra mulheres, crianças, adolescentes e família, fazendo a sociedade questionar valores antes inquestionáveis.

No mundo atual, essas questões também chegam às telas. A violência pode continuar pelo celular e pelas redes sociais por meio de ameaças, bullying, perda de boas referências, humilhações, monitoramento constante, exigência de senhas, desafios que testam a vida, controle da localização ou fiscalização das conversas.

Por isso, educação emocional também significa ensinar crianças e adolescentes que privacidade é um direito e controle não é cuidado.

Compreender antes de simplesmente punir é o que pais e responsáveis têm que fazer em relação às crianças e adolescentes frente ao caso de violência doméstica, física e emocional.

Nem toda criança e adolescente que sofre irá demonstrar tristeza. Algumas podem apresentar agressividade; outras podem se tornar excessivamente obedientes, preocupadas em agradar, com medo de errar e pedindo desculpas constantemente.

Compreender não significa permitir comportamentos inadequados. Significa buscar entender o que existe por trás deles e oferecer limites acompanhados de segurança, escuta e novas formas de expressão emocional.

Na psicoterapia infantil e adolescente, o brincar, o desenho, as histórias, a expressão emocional e o diálogo podem ajudar a transformar experiências confusas em experiências que possam ser compreendidas, elaboradas e ressignificar a história e os aprendizados para se fazer melhores escolhas.

O que podemos ensinar dentro de casa?

Uma família saudável não é aquela onde nunca existem conflitos. Diferenças, frustrações e momentos de raiva fazem parte das relações humanas. O que faz a diferença é a maneira como esses conflitos são conduzidos.

É possível discordar sem humilhar. Colocar limites sem ameaçar. Sentir raiva sem agredir. Corrigir sem destruir a autoestima. Exercer autoridade sem autoritarismo.

A criança ou o adolescente não precisam crescer em uma casa perfeita. Elas precisam crescer em um ambiente suficientemente seguro para saber que, mesmo

quando os adultos discordam, ela continua protegida.

A violência pode deixar marcas que nem sempre aparecem imediatamente. Algumas surgem no comportamento; outras, no silêncio. Algumas aparecem na infância; outras podem surgir anos depois, nos relacionamentos e na maneira como o indivíduo percebe a si mesmo e ao outro.

Por isso, diante de uma criança ou adolescente que apresenta sofrimento, precisamos ir além da pergunta “O que ele tem?” e perguntar: “O que ele viveu ou está vivendo?”

Quando encontram adultos protetores, vínculos seguros, espaços de escuta, educação emocional e acompanhamento adequado, crianças e adolescentes podem construir novas referências. Podem aprender que existe outra maneira de amar, conversar, colocar limites e resolver conflitos.

A violência pode fazer parte da história de uma criança e do adolescente, mas não precisa determinar toda a sua história.

Para refletir:

Se uma criança ou um adolescente pudesse descrever emocionalmente o ambiente da sua casa, quais palavras ela usaria?

E se pudesse escolher uma única coisa para mudar na dinâmica familiar, o que seria?

Talvez escutar essas respostas seja um dos primeiros passos para perceber aquilo que muitas crianças e adolescentes ainda não conseguem dizer.

(*) **Michelle Tinoco dos Santos Aranha.** Psicóloga Clínica e Neuropsicóloga. Mãe de três filhos, esposa e filha do casal Miguel e Marinaide da EPB Goiânia.

A ESTRUTURAÇÃO DO SISTEMA DE APEGO EM AMBIENTE DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

EDILAMAR TEREZINHA CARVALHO

"A Infância é um chão que pisamos a vida inteira"

Lya Luft

Diferente de outros animais mamíferos, o bebê humano nasce prematuro. Mesmo que seu nascimento tenha ocorrido com a idade gestacional adequada, ele depende 100% de outra pessoa para sobreviver tratando-se, portanto, de um imperativo biológico: ou esse bebê se vincula com alguém ou ele morre. Assim, o cérebro evolui, naturalmente, priorizando a luta pela sobrevivência, sendo que a busca pelo bem-estar precisa ser aprendida e exercitada ampliando as conexões neurais. Desta forma, o sistema nervoso está constantemente escaneando o ambiente e identificando sinais de segurança ou perigo. E mesmo quando, objetivamente, tudo parece estar tranquilo, podem surgir reações autonômicas com respostas defensivas àquilo que ele percebe como ameaça. Gabor Maté, médico e autor húngaro-canadense, assegura que o corpo registra experiências antes mesmo que a mente consiga compreendê-las, sendo o trauma não o que acontece com a criança externamente, mas o que acontece dentro dela – medo, vergonha, desproteção – como reação frente ao evento.

No primeiro momento a criança não tem memória declarativa, ou seja, não consegue lembrar-se das



primeiras experiências, mas o corpo se lembra pelas sensações que vão ficando registradas, formatando tudo como memória implícita, mesmo que essas vivências não façam sentido lógico, por não ter ainda o desenvolvimento cognitivo suficiente. Não há memória autobiográfica, não se lembra dos fatos, enquanto as imagens, sensações emocionais e sentimentos experimentados ficam registrados na memória somática. Numa situação dolorosa qualquer, pelas sensações

somáticas, o corpo responde com estratégias adaptativas de sobrevivência com tensões persistentes, rigidez, dores sem causa aparente, irritabilidade e a eterna sensação de manter-se sempre alerta.

John Bowlby, psicanalista e psiquiatra infantil, de acordo com os estudos sobre o impulso biológico inato dos bebês para buscar proximidade e proteção, nos anos 1950-60, lança as bases da teoria do apego publicada no livro "Uma Base Segura: Aplicações Clínicas da Teoria do Apego". Ampliando os trabalhos de Bowlby Maryn Ainsworth, psicóloga do desenvolvimento e autora da obra "Infancy in Uganda" (1967), analisando experimentos com diferentes respostas ao estresse, categoriza os padrões de apego: Apego Seguro e Apego Inseguro, sendo este classificado como Evitativo, Ambivalente e Desorganizado, de acordo com as reações defensivas aprendidas pela criança. Todo Sistema de apego é orientado para a nossa sobrevivência emocional e física, mas quando há fragilidades na estrutura do sistema de Apego Seguro, promove a estruturação de padrões de comportamentos disfuncionais e dificuldades relacionais, que se manifestam ao longo da vida. Numa condição de Apego Inseguro, o cérebro busca legitimar as constantes ameaças impregnadas no seu sistema nervoso autônomo, ou seja, os traumas, percebendo a presença de perigo em quase todas as situações e ativando, automaticamente, as defesas. Assim, desde o nascimento a criança já tem um cérebro, o tronco cerebral e um sistema nervoso bem-preparado para se defender e adaptar-se às situações e cenários de vida, acima de tudo,

em prol da sobrevivência a qualquer custo, necessitando receber afeto e cuidados de adultos conscientes e regulados capazes de corrigir a criança, ainda incapaz de se autorregular com o seu próprio sistema nervoso em processo de amadurecimento e aprendizagem.

Quando o ambiente familiar é permeado por constantes conflitos, brigas ou agressões, a falta de um ambiente seguro gera traumas de desenvolvimento. O sistema nervoso investe sua energia na formatação de mecanismos defensivos, estratégias de sobrevivência, de autoproteção em detrimento ao desenvolvimento do córtex pré-frontal, fundamental para formatar as estratégias de aprendizagem, para desenvolver o potencial de habilidades e para o engajamento social. Assim, mesmo que a criança não esteja sendo agredida diretamente, pela sua condição de egocentrismo, onde tudo fora dela é experimentado como dentro e pertencente a ela, as sensações tornam-se fontes de culpa, vergonha ou desamparo.

Numa condição de cuidadores deprimidos ou pouco disponíveis para identificar e atender às reais necessidades essenciais do bebê, este se sente negligenciado ou desprotegido, tende a se tornar uma pessoa mais vulnerável na fase adulta e sociais, dependente, insegura e com baixa autoestima. Nesse sentido, o psicólogo social Jonathan Haidt, no livro A Geração Ansiosa (2024), sustenta a ideia de que a criança que passa a sua infância em ambiente de violência doméstica e em clima emocional ameaçador mantém seu cérebro em constante alerta e hiperconectada defensivamente para

perigos no lugar de se sentir segura e protegida, apontando para uma provável adolescência com depressão, ansiedade, agressividade, falta de empatia e até tendência ao suicídio.

Se a criança cresce em um ambiente com pessoas presentes e amorosas, cuidadores que a protegem e estão atentos às suas necessidades físicas e emocionais, o mecanismo cerebral tende a podar as partes defensivas por não serem mais úteis, voltando a sua atenção para as partes relacionais afetivas por serem mais estimuladas e frequentes.

Por isso, a importância de um ambiente familiar que ofereça cuidados, segurança, constância, acolhimento e o convívio com pessoas que se respeitam e enfrentam as dificuldades cotidianas com dignidade e superação, onde a criança possa experimentar o sentimento de importância e pertencimento, sendo este, a base de sustentação necessária para o desenvolvimento de personalidades saudáveis. Desta forma, a experiência de segurança, o Apego Seguro, nos faz conectados com o outro em correção. Nesse contexto, a criança se desenvolve confiando nas pessoas e esperando reciprocidade, ou seja, incorporando a crença de que o mundo lhe oferece o bem do qual ela se reconhece merecedora e sentindo-se capaz de caminhar com liberdade e autoconfiança.

Assim, as partes do cérebro que estão alinhadas ao sistema de Apego Seguro estão bem estruturadas, são bem estabelecidas e são fortes, porque a sequência de experiências agradáveis e acolhedoras vão formatando um caminho confiável, seguro e se tornando uma conexão

Planarte
MÓVEIS SOB MEDIDA

Gilberto Parreira

(62) 99249-6605 | @planarte.go

EDILAMAR TEREZINHA CARVALHO
PSICÓLOGA CLÍNICA
CRP: 09/1241

Psicodramatista Sistêmica
Terapeuta de Casal e Família
Terapia de Traumas
• EDMR • Brainspotting

Av. T-63, eq. c/ T-15, nº 1296, sala 905 – Ed. New World,
Setor Bueno, Goiânia (GO) — CEP: 74.230-100
(62) 99975-1247

neural de fácil acesso. Rick Hanson, Ph.D., em sua obra literária O Poder da Resiliência (2019), ensina que as experiências positivas precisam ser instaladas conscientemente e que o bem-estar se constrói em pequenas doses e por repetição. Pais responsáveis pela formação de seus filhos ensinam menos pelo que pensam e dizem e muito mais pelo que acreditam e fazem.

É preciso coragem para não desanimar diante das inúmeras dificuldades para educar os filhos no mundo de hoje. Vivemos em uma sociedade impregnada de atrativos que favorecem a desconexão de princípios e valores essenciais para uma vida

humana íntegra. É preciso manter viva a esperança não para disfarçar e nem encobrir a realidade, mas para testemunhar que, embora a vida seja de dificuldades e provações, somos capazes de vencer e sermos felizes. Essa é a maior herança que podemos deixar para nossos filhos: que eles podem confiar na proposição de que a vida é algo pela qual sempre vale a pena lutar, tendo como maior exemplo as nossas próprias atitudes enquanto pais.

Portanto, Apego Seguro segue o princípio da correção, significa um vínculo afetivo ou ligação entre a criança e seu cuidador principal, que responde por suas necessidades

com assertividade, promovendo a estruturação de um adulto seguro e emocionalmente estável, capaz de manter a sua autoconfiança, independência e segurança para lidar com o mundo externo. Um ambiente familiar saudável, com a presença de pais amorosos, pessoas equilibradas e autorreguladas, favorece treinar o pré-frontal na sua tomada de decisões de forma que a criança, para além de respostas automáticas prontas e sempre defensivas, se desenvolva plenamente para uma vida adulta capaz de fazer escolhas responsáveis, criativas e com autonomia para criar e manter relações sociais saudáveis.

(*) **Edilamar T. Carvalho.** Psicóloga, psicoterapeuta de casal e família, psicodramatista, psicoterapeuta de EMDR e Brainspotting. É colaboradora da EPB Goiânia.

LIVRE



Letícia Siqueira
PSICÓLOGA CLÍNICA
CRP-09/22800

+55 (62) 98261-9101
@psi.leticiasiqueiraa
psileticiasiqueira.com.br
psi.leticiasiqueiraa@gmail.com
Atendimentos presenciais e on-line

LIVRE

MEU FILHO NÃO É MINHA INFÂNCIA

LETÍCIA SIQUEIRA*

O que nossos filhos despertam em nós, o que carregamos da nossa própria infância e por que cuidar da saúde mental também faz parte da construção de uma parentalidade mais consciente.

Quando nasce um filho, nasce também uma nova experiência de ser mãe ou pai. Mas, de certa forma, algo mais pode nascer ou renascer nesse encontro: a nossa própria infância.

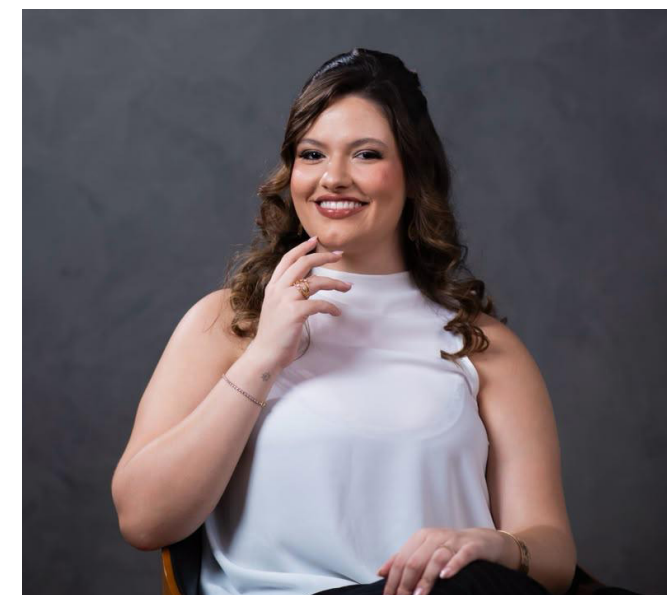
Um choro, uma birra, um pedido de colo, uma dificuldade de separação ou o desejo da criança de fazer algo sozinha podem despertar em nós sentimentos e reações maiores do que esperávamos. Às vezes, não entendemos por que determinada situação nos irrita tanto. Em outras, percebemos que estamos repetindo frases que ouvimos na infância ou fazendo um esforço enorme para nunca agir como nossos próprios pais agiram.

Todos carregamos experiências da infância. Algumas são lembradas com carinho; outras, com dor. Levamos conosco aquilo que aprendemos sobre cuidado, afeto, limites, confiança e pertencimento. Levamos as palavras que ouvimos, as formas como fomos consolados e aquilo que decidimos, consciente ou inconscientemente, repetir ou não reproduzir.

A teoria do apego, desenvolvida a partir dos trabalhos de John Bowlby e ampliada pelas pesquisas de Mary Ainsworth e colaboradores, contribuíram para a compreensão da importância das relações precoces para a segurança emocional da criança. Mais do que falar em uma relação perfeita entre pais e filhos, essa perspectiva destaca a importância de relações nas quais a criança encontre disponibilidade e respostas suficientemente sensíveis às suas necessidades.

Isso não significa que o desenvolvimento infantil seja determinado por uma única relação. A criança se desenvolve dentro de uma rede que envolve características individuais, relações familiares, condições sociais, contexto cultural e muitas outras experiências. Ainda assim, cuidar da qualidade dessas relações importa.

E, para cuidar de uma relação, também precisamos olhar para quem está dentro dela. Laura Gutman, ao discutir a maternidade e o encontro com a própria



“sombra”, chama atenção para a dimensão subjetiva da experiência de tornar-se mãe. A chegada de um filho pode trazer à consciência sentimentos, necessidades, conflitos e memórias que permaneciam pouco elaborados.

Uma mãe que aprendeu que precisava ser forte o tempo inteiro pode ter dificuldade diante do próprio choro. Um pai que aprendeu que demonstrar medo era sinal de fraqueza, pode não saber como acolher o medo do filho. Um adulto que foi excessivamente controlado, pode reagir intensamente quando a criança começa a dizer “não”.

Nessas situações, uma pergunta pode produzir consciência: estou reagindo apenas ao que meu filho está fazendo ou também ao que essa situação desperta em mim? Essa pergunta não existe para produzir culpa. Existe para ampliar nossas possibilidades de escolha.

Na psicologia do desenvolvimento, a função reflexiva parental ajuda a pensar justamente essa capacidade de refletir sobre os estados mentais próprios e da criança: o que meu filho está sentindo? O que ele está tentando comunicar? O que está acontecendo comigo neste momento? A capacidade de compreender os estados mentais pode favorecer respostas parentais menos automáticas e mais sensíveis, como discutem

Peter Fonagy e Mary Target em seus trabalhos sobre função reflexiva e desenvolvimento.

Podemos sentir raiva e ainda assim escolher não gritar. Podemos sentir medo e permitir que a criança conquiste autonomia. Podemos nos sentir rejeitados diante de um “não” e lembrar que a criança não está necessariamente nos rejeitando: está descobrindo que também possui vontade própria.

A consciência não elimina nossas emoções. Ela amplia nossas possibilidades de resposta. Talvez uma das tarefas mais delicadas da parentalidade seja compreender que nosso filho é uma pessoa diferente de nós. Ele não veio para reparar nossa infância, realizar aquilo que não conseguimos realizar ou receber tudo aquilo que não recebemos. Ele pode sentir diferente. Pensar diferente. Precisar de coisas diferentes. Fazer escolhas que não faríamos.

Nossa história pode influenciar a maneira como nos relacionamos com nossos filhos, mas não precisa determinar completamente essa relação. Podemos repetir padrões sem perceber, mas também podemos reconhecer-los, questioná-los e construir novas formas de relacionamento.

Cuidar de quem cuida também é cuidar da criança

Quando falamos em saúde mental parental, frequentemente pensamos em condições como depressão e ansiedade no período perinatal — e elas realmente merecem atenção. Mas cuidar da saúde mental não significa apenas tratar uma doença. Também significa ter espaço para refletir sobre a própria história.

Como fui cuidado quando era criança? O que aprendi sobre demonstrar sentimentos? Como minha família lidava com erros, medo e raiva? O que desejo repetir com meu filho? O que gostaria de fazer diferente? Quais comportamentos dele despertam emoções muito intensas em mim?

A psicoterapia pode ser um espaço para olhar para a própria história com mais cuidado, reconhecer experiências que ainda despertam sofrimento e compreender como elas aparecem nas relações atuais. Não se trata de apagar o passado ou encontrar culpados, mas de compreender aquilo que recebemos para que possamos escolher, com mais consciência, o que queremos transmitir.

Buscar psicoterapia não significa ser um pai ou uma mãe inadequada. Pode ser, justamente, uma forma de assumir responsabilidade pela própria história e pelo modo como ela participa das relações que construímos.

Isso também significa reconhecer que consciência não é perfeição. Pais que fazem terapia e procuram agir de maneira consciente também sentirão cansaço, irritação, culpa e dificuldade. A diferença pode estar na possibilidade de reconhecer esses momentos, reparar quando necessário e construir respostas diferentes ao longo do tempo. E o pai também faz parte dessa história.

Quando falamos sobre saúde mental materna, existe o risco de colocarmos novamente toda a responsabilidade sobre a mulher. Mas a parentalidade não é uma experiência exclusivamente materna. O pai também foi criança, também

teve cuidadores e aprendeu, dentro da própria família, o que significava chorar, sentir medo, demonstrar carinho, pedir ajuda e estabelecer limites.

Por isso, cuidar da saúde mental da mãe também significa pensar na participação do pai e de toda a rede de apoio. O pai não precisa ser apenas alguém que “ajuda”: ele também é responsável pelo cuidado.

A própria UNICEF destaca que a saúde mental e o bem-estar dos cuidadores influenciam sua possibilidade de oferecer cuidados responsáveis e que apoiar quem cuida é parte importante da promoção do desenvolvimento infantil.

Nossos filhos não precisam de pais perfeitos. Precisam de adultos suficientemente disponíveis, capazes de reconhecer seus limites, assumir responsabilidades, reparar quando necessário e buscar ajuda quando não estiverem conseguindo lidar sozinhos.

A nossa infância faz parte de nós, mas não precisa ser o destino dos nossos filhos. Podemos reconhecer aquilo que recebemos, valorizar o que foi bom, elaborar aquilo que doeu e escolher, pouco a pouco, aquilo que queremos transmitir.

Porque nossos filhos não são a continuação da nossa infância. São pessoas que estão começando a construir a própria história.

E talvez uma das formas mais bonitas de cuidar deles seja justamente cuidar daquilo que a chegada deles desperta em nós. Não para sermos pais perfeitos, mas para podermos estar cada vez mais presentes, conscientes e disponíveis para o encontro com quem eles são.

VIOLÊNCIA VERBAL NA FAMÍLIA

MARLENE CALIXTO DA MOTA E CARLOS VIEIRA DE BRITO*

A família nasce, muitas vezes, da união de duas pessoas que decidem compartilhar a vida, construir vínculos afetivos, formar uma história em comum e, eventualmente, criar filhos. É um espaço que deveria ser marcado pelo respeito, pelo diálogo, pelo cuidado, pela cooperação e pela busca do bem-estar de todos os seus integrantes. Entretanto, nem sempre essa realidade se concretiza. Em muitas famílias, aquilo que deveria ser um ambiente de acolhimento, segurança e afeto transforma-se, pouco a pouco, em um espaço de conflitos constantes, desrespeito e violência. As dificuldades da convivência, quando não são enfrentadas de maneira saudável, podem dar lugar à violência verbal, psicológica e, em situações mais graves, também à violência física.

A violência verbal é especialmente preocupante porque, embora não deixe necessariamente marcas visíveis no corpo, pode produzir profundas consequências emocionais e psicológicas. Palavras usadas para humilhar, intimidar, controlar ou diminuir alguém podem destruir a autoestima, gerar medo e comprometer a saúde emocional e os vínculos familiares.

O que caracteriza a violência verbal?

A violência verbal pode se manifestar de diferentes formas, entre elas: * Gritos, xingamentos e insultos, tanto em particular quanto diante de outras pessoas;



Carlos Vieira de Brito, Marlene Calixto da Mota Brito/associados da Escola de Pais do Brasil/Seccional de Goiânia e sua filha, Carlane Calixto de Brito

* Humilhações e constrangimentos, destinados a expor ou ridicularizar alguém; * Ameaças e intimidações, que provocam medo ou insegurança; * Chantagem emocional e manipulação, utilizadas para controlar comportamentos ou decisões; * Desvalorização constante, com frases que diminuem a capacidade, a dignidade ou a importância da outra pessoa; * Ironias, sarcasmos

(*) **Letícia Siqueira.** Psicóloga. Neta de Maria Vilma e Joane, associados da Escola de Pais do Brasil / Seccional de Goiânia.

**Restaurante
Tempero da Marlene**

62. 3284-9000

Rua 1011 - Unidade 101 - Parque Atheneu - Goiânia-GO www.restaurantedamarlene.com.br

e comentários depreciativos, utilizados repetidamente para ferir ou inferiorizar; * Controle excessivo, apresentado como cuidado, preocupação ou proteção; * Tentativas de isolamento, como impedir ou dificultar o contato com familiares, amigos ou outras pessoas de confiança.

É importante compreender que conflitos e divergências fazem parte das relações humanas. O que não pode ser normalizado é a utilização sistemática de palavras e comportamentos para intimidar, humilhar, controlar, ameaçar ou destruir a dignidade de outra pessoa.

Violência verbal pode ser crime?

Dependendo da situação concreta, determinadas condutas podem configurar ilícitos civis ou criminais. No âmbito das relações familiares, a violência psicológica contra a mulher possui previsão específica na Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), que reconhece como violência psicológica condutas que causem dano emocional ou tenham por objetivo controlar, degradar ou limitar ações, comportamentos, crenças e decisões.

Além disso, dependendo do conteúdo e das circunstâncias, determinadas manifestações podem caracterizar crimes contra a honra, como injúria ou difamação, previstos no Código Penal, ou ainda outras infrações.

Por isso, diante de uma situação concreta, é importante buscar orientação adequada para compreender quais medidas jurídicas e de proteção podem ser adotadas.

O que fazer diante da violência?

- 1. Não normalize a violência.** Desrespeito, humilhação, ameaças e controle não devem ser tratados como algo natural em uma relação familiar.
- 2. Procure apoio.** Compartilhe o que está acontecendo com alguém de confiança. O isolamento pode tornar a situação ainda mais difícil.
- 3. Preserve informações importantes.** Mensagens, registros de ocorrências e outros elementos que demonstrem a situação podem ser relevantes para a busca

de orientação e proteção. A forma adequada de preservação e utilização dessas informações pode variar conforme o caso.

- 4. Busque orientação profissional.** Psicólogos, assistentes sociais, serviços de proteção e profissionais da área jurídica podem ajudar a compreender a situação e identificar caminhos possíveis.
- 5. Em situações de ameaça ou risco, procure imediatamente os serviços de emergência e proteção**

Onde buscar ajuda

Em situações de violência contra a mulher, a Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180 oferece orientação e encaminhamento para a rede de atendimento.

Uma palavra final

Uma família saudável não é aquela em que nunca existem conflitos. É aquela em que as diferenças podem ser enfrentadas com respeito, diálogo, responsabilidade e cuidado.

Nenhuma relação deve exigir que uma pessoa aceite humilhações, ameaças ou desrespeito em nome da preservação da família.

Em Goiânia, também é possível buscar atendimento especializado na Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher (DEAM) e nos serviços da rede de proteção social.

Cuidar da família também significa cuidar da dignidade de cada pessoa que dela faz parte.

Reconhecer a violência é o primeiro passo para interromper um ciclo que pode causar sofrimento e comprometer profundamente os vínculos familiares.

Respeito não é privilégio. É fundamento de toda relação saudável.

O IMPACTO DO SUICÍDIO NA FAMÍLIA

CRISTIANE DE CARVALHO NEVES*

Atuo como psicóloga exclusivamente na clínica, e especialmente no enfoque sistêmico, nas perdas e no luto e em experiências traumáticas. Entretanto, independente da abordagem, o meu maior propósito, quando recebo uma pessoa no consultório, é construir um vínculo afetivo e de escuta respeitosa com o paciente.

Trabalhando com famílias, pessoas enlutadas ou traumatizadas, acabamos por nos aproximar de situações relacionadas ao suicídio. São pessoas que vem por indicação do psiquiatra ou trazidos por algum familiar. Outra situação que também me acontece muito é o atendimento de uma pessoa que me traz queixas diversas, porém, com risco velado para o suicídio. O estudo e trabalho sobre os processos do enlutamento me treinou a uma escuta atenta a essa questão do suicídio; uma escuta que me possibilitou captar essa possibilidade e abrir porta para que a pessoa fale sobre isso. Assim, nos conduzimos ao primordial sobre a atenção aos aspectos do suicídio: a importância de poder falar sobre os pensamentos suicidas como prevenção.

É difícil explicar por que algumas pessoas escolhem o suicídio, enquanto outras, em situação similar ou pior, não o fazem. Se conseguirmos olhar para ato suicida como algo mais complexo do que imaginamos, poderemos compreender e ajudar melhor a quem está precisando dessa atenção. Acreditamos que a nossa principal tarefa como profissionais, familiares, amigos e, principalmente, como pessoas que temos interesse



pela vida das outras pessoas, é fazer a prevenção e pós intenção ao suicídio.

A Prevenção se faz por meio da escuta ativa, da capacidade de se colocar no lugar do outro e de adentrar no mundo dele. E, para tal, não basta ser bom de coração, precisamos conhecer alguns aspectos que estão implicados na complexidade do comportamento suicida. Entre esses aspectos, temos os lutos não elaborados ou mal resolvidos; a precariedade afetiva nas relações familiares; o acúmulo de experiências de fracasso; um histórico



Cristiane de Carvalho Neves

PSICÓLOGA ESPECIALISTA • CRP/09-5022

Experiência, acolhimento e compromisso com a saúde emocional

Terapia Sistêmica

Casais e Famílias

Perdas e Luto

Terapia de Traumas

EMDR e Brainspotting

Psicodrama



(62) 98159-5372

(*) Marlene Calixto da Mota e Carlos Vieira de Brito. Casal Diretor de Seminário da EPB Goiânia.

de transtornos psíquicos; e, o mais agravante, a depressão, muitas vezes, não tratada por não ser admitida ou compreendida pela própria família. Portanto, a Prevenção se refere ao que podemos fazer para evitar o suicídio. Enquanto, a pós intenção é um conjunto de intervenções para evitar que uma nova tentativa de suicídio aconteça. Nela, criamos estratégias de cuidados com o enlutado ou sobrevivente por suicídio, a fim de evitar o luto complicado e a repetição do ato.

As pesquisas e a nossa prática clínica apontam que a maioria dos que cometeram suicídio, de alguma maneira, se comunicou com familiares, médicos ou amigos, antes de atentar contra a própria vida. Também, sabemos que existem casos de pessoas, especialmente, as crianças, os adolescentes e os idosos, que agiram com impulsividade, imaturidade ou esconderam suas intenções, e privaram-se de qualquer ajuda, de tratamento e prevenção. De qualquer forma, sabemos que o suicídio ainda é um tema tabu na nossa sociedade, devido à nossa dificuldade em acolher a dor expressada ou manifestada. Geralmente, sentimos impotentes e impactados, até por conta dos nossos preconceitos. E como um familiar, a situação ainda é pior, devido ao sentimento de culpa e medo que nos paralisam.

O suicídio ou a sua tentativa, exerce na família um impacto que se manifesta de diferentes formas, a depender da maneira como a família irá enfrentar essa situação. Por exemplo, a forma como a família lida com situações traumáticas, vai determinar o processo de luto ou a

sua reorganização em caso de tentativa frustrada do suicídio.

Por falta de conhecimento, podemos observar que há muito preconceito na sociedade sobre o que é o suicídio e, também, vemos isso acontecendo na família, impedindo uma comunicação aberta entre os membros da família sobre o que se passa com eles. Sempre que se fala em suicídio ou em uma tentativa, a tendência é ignorar ou reprimir, ao mesmo tempo em que se quer ajudar e acolher. Por isso, o contato fica mais difícil e, muitas vezes, não acontece.

A pessoa que tenta tirar a vida, precisa de alguém para confiar. O resgate ou a criação do vínculo é de extrema importância na família, podendo o aprendizado começar por meio da psicoterapia com o vínculo terapêutico ou com o auxílio do terapeuta no sistema familiar. As famílias devem ser incluídas no tratamento de pessoas com ideiação e, principalmente, com tentativa de suicídio. Às vezes, a família se sente muito culpada ou pode pensar que, se for atendida, roubará tempo do atendimento àquele que, na sua concepção, mais necessita. Entretanto, com a participação da família no processo psicoterapêutico da pessoa com tentativa de autoextermínio, percebo, em alguns casos, a preocupação ou medo dos pais ou cuidadores em se “descobrirem” responsáveis por aquele comportamento do filho e não conseguirem carregar esse fardo. Porém, a ideia é poder trabalhar a coparticipação, assim como, a corresponsabilidade pelo sistema familiar, ajudando-os a encontrar uma nova forma de lidar com as situações difíceis, juntos.

A pessoa quando chega ao ponto de atentar contra a própria vida, pode estar convivendo há bastante tempo com o sofrimento. É comum que o processo de comunicação entre os membros da família, principalmente com alguém que fez tentativa, fique frágil e truncado, não permitindo um bom acolhimento da pessoa, dificultando um trabalho preventivo. A prevenção nesses casos é muito necessária para que não haja uma nova tentativa. Cabe lembrarmos que é na crise que se ressignificam os papéis e se torna uma possibilidade de desenvolver a resiliência permitindo à família superar a desestruturação e se reorganizar a partir dela.

Quando alguém na família tenta suicídio ou quando morre por suicídio e isso não é conversado, criando um segredo, criam-se buracos dentro do sistema e acabam sendo preenchidos com inadequações, além do risco de ser repassado de geração a geração, criando repetições de padrões anteriores. É desejável que o diálogo seja uma constante no sistema familiar, onde todos se sintam pertencentes e acolhidos em suas diferenças. Essa característica familiar será importante para que cada um na família se sinta respeitado na sua forma de expressar o seu sofrimento do luto.

O alerta sobre os cuidados com as pessoas que sofrem não deve se restringir apenas no mês de setembro, mas sim, durante o ano todo. Vamos cuidar da nossa família – fazendo o nosso melhor, ofertando atenção, carinho e respeito – e da nossa espiritualidade, nos conectando com a força maior que vem de Deus. E disso, todos nós precisamos – Deus, conversas sinceras, acolhimento, respeito e amor.

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Vinte anos da Lei Maria da Penha

MARINAIDE TINOCO DE SOUSA SANTOS E MIGUEL ROSA DOS SANTOS*

Falar de violência no Brasil é sempre muito importante, qualquer que seja a abordagem feita, independentemente do gênero, grau e número das ocorrências analisadas.

Seja no âmbito privado, seja principalmente na esfera da segurança pública, muito tem se debatido, inclusive levando-se em consideração a questão dos direitos humanos. Porém, infelizmente na prática, podemos considerar que os frutos colhidos ainda estão muito aquém dos objetivos almejados.

Consideramos que a violência no sentido geral, e aí envolvendo também a violência doméstica, atualmente deve ser tratada como uma das prioridades principais das políticas de segurança pública, bem como, dos direitos humanos.

Nesse sentido, percebe-se que algumas iniciativas já foram tomadas visando combater e acabar com as ocorrências dos diversos tipos de violências que acontecem em nossa sociedade. Como esse objetivo ainda está longe de ser alcançado, pelo menos tem se buscado minimizar seus efeitos negativos junto à sociedade brasileira.

Embora os avanços no combate à violência doméstica têm-se verificados ainda insuficientes em seus objetivos finais, não podemos negar a existência de iniciativas públicas visando enfrentar esse problema tão complexo.

É o caso da **criação da Lei nº 11.340, em 07/08/2006**, mais conhecida como **“Lei Maria da Penha”**. Considerada naquele momento como um dos principais instrumentos jurídicos criado para combater a violência doméstica e familiar contra a mulher no nosso país. Assim, no **dia 07 de agosto deste ano de 2026, essa lei completou seus 20 anos de existência no Brasil**.

Que podemos destacar de mais importante que aconteceu depois da publicação dessa lei?

Antes dela, se uma mulher era agredida no seu lar, o crime era tipificado como de menor importância e



geralmente o agressor era punido com o pagamento de cestas básicas.

A Lei Maria da Penha, nesse sentido, começou a tipificar a violência doméstica como **crime grave e violação dos direitos humanos**. Isso contribuiu para resolver a impunidade do que acontecia dentro de “quatro paredes”.

Outro avanço que podemos considerar foi a criação de **“Medidas Protetivas de Urgência”**, que tem como objetivo afastar de imediato o agressor de sua vítima.

Também se destacam as questões relativas à **inclusão e diversidade**, com a atuação do Conselho Nacional de Justiça, do Poder Judiciário e dos Tribunais Superiores, ampliando a proteção dessa lei para os relacionamentos homoafetivos e para as mulheres trans.

Mesmo considerando sua consolidação e estes avanços destacados dentre outros, infelizmente a violência doméstica e familiar contra as mulheres no Brasil continua acontecendo em escala crescente nos últimos anos.

Segundo o **Código Penal Brasileiro**, o **Feminicídio** é o assassinato de uma mulher cometido por razões da condição de sexo feminino, ou seja, quando o crime

(*) **Cristiane de Carvalho Neves**. Psicóloga clínica especializada. Atendimento sistêmico familiar, luto e trauma.

envolve violência doméstica, familiar ou menosprezo e discriminação contra a mulher. De acordo com o **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**, no Brasil, no ano de 2024, tivemos 1.492 casos de feminicídios. Enquanto que no ano de 2025 esse número saltou para 1.571 casos, num aumento total de aproximadamente 5,3%. Se compararmos os números do ano de 2025 = 1.571 casos, com os do ano de 2020 = 1.354 casos, o percentual de aumento pula para aproximadamente 16%.

Esse número de 1.571 casos de feminicídios ocorridos no **ano de 2025 no Brasil** é super preocupante pois, além de continuar a escala anual crescente desses casos de feminicídios, constituindo-se num recorde negativo, ele vai na direção oposta do número de mortes violentas geral ocorridos nesse mesmo ano, que reduziu em torno de 8%. Isso fez com que o feminicídio fosse o único tipo de morte violenta que subiu naquele ano, gerando uma **média de 4 mulheres mortas por dia!**

Isso nos leva a constatar que em pleno século XXI, ainda está muito presente na sociedade brasileira as manifestações concretas de feminicídio que, dentre outros fatores, é reforçado pelo **machismo** e pela **misoginia** (ódio, desprezo, aversão ou hostilidade contra as mulheres). No Brasil, a misoginia é a base legal do feminicídio.

Para realçar esse problema de difíceis soluções, ficou constatado também que a maior parte não é crime de rua. É o parceiro matando a mulher dentro de casa por controle,

ciúme, posse, não aceitação do fim do relacionamento, etc.

Diante desse quadro aterrorizante que o feminicídio tem apresentado no Brasil, torna-se mais do que necessário e urgente que nós todos temos a responsabilidade e o dever de pensar em soluções que venham de forma racional, se não acabar, pelo menos minimizar esses números de ocorrências do feminicídio na nossa sociedade. Sabemos que os desafios atuais são muitos e que temos que ter muita coragem e determinação nesse enfrentamento.

"Embora os avanços no combate à violência doméstica têm-se verificados ainda insuficientes em seus objetivos finais, não podemos negar a existência de iniciativas públicas visando enfrentar esse problema tão complexo."

Nesse contexto, tanto o **Conselho Nacional de Justiça** quanto as **redes de apoio**, têm seus focos atuais direcionados para a **solução de três desafios**: o primeiro trata-se da **Estruturação das Redes**. Para isso, é necessário criar mais **Varas Especializadas** e mais **Delegacias da Mulher**.

O segundo desafio diz respeito ao **Ambiente Digital**, ou seja,

investir no combate ao **assédio**, à **misoginia** e à **exposição de mulheres na internet**.

Por fim, o terceiro desafio está relacionado à **Autonomia Financeira** e visa incentivar a criação de programas cujo objetivo é o de auxiliar a vítima (mulher) a conseguir sua **independência econômica**, à qual lhe possibilitaria romper o ciclo da dependência e da violência.

Concluindo, percebe-se que nesse caso específico exige um esforço concentrado das instituições e pessoas direta e indiretamente envolvidas em buscar soluções viáveis e urgentes no combate à violência doméstica praticada contra as mulheres.

Outro aspecto importante a se considerar nessa problemática trata-se de investir maciçamente na **Educação Familiar** em todas as fases da vida das pessoas. Uma Educação que seja **preventiva** e voltada para a **formação de um cidadão e de uma cidadã** com consciência de seus direitos, bem como, de seus deveres. Assim, estaríamos com certeza investindo na busca de uma harmonia, pessoal, conjugal, familiar e social. Uma **Educação da Paz** em todos os sentidos dos relacionamentos humanos.

E nesse contexto, entra a importante contribuição do **trabalho voluntário** prestado pela **Escola de Pais do Brasil** há mais de 63 anos e aqui na sua **Seccional de Goiânia** há 53 anos. Cuja **Missão** é **"Ajudar pais, futuros pais e agentes educadores a formar verdadeiros cidadãos"**.

(*) **Marinaide Tinoco de Sousa Santos e Miguel Rosa dos Santos**. Casal membro associado da EPB – Seccional de Goiânia. Ela: Conselheira Suplente do Conselho Fiscal da EPB – Seccional de Goiânia. Ele: Diretor Financeiro da EPB – Seccional de Goiânia; Mentor e Conselheiro Titular do Conselho Fiscal da Diretoria Executiva Nacional – DEN/EPB.

seccionais EPB no Brasil

ALAGOAS
Teotônio Vilela

BAHIA
Alagoinhas
Salvador

GOIÁS
Anápolis
Goiânia
Rio Verde

MATO GROSSO DO SUL
Campo Grande

MINAS GERAIS
Belo Horizonte
João Monlevade

PARAÍBA
Campina Grande
João Pessoa

PARANÁ
Curitiba
Guarapuava
S. Miguel Do Iguaçu

PERNAMBUCO
Recife
Aldeia

RIO GRANDE DO SUL
Caxias do Sul
Erechim
Ijuí
São Marcos

SANTA CATARINA
Chapecó
Grande Florianópolis
Joaçaba e Herval d'Oeste
Videira
Xanxerê

SÃO PAULO
Campinas
Mogi das Cruzes
Piracicaba
S. Bárbara d'Oeste
São Paulo
Sorocaba
Tupã

SECCIONAL VIRTUAL
CIDADES REPRESENTADAS

Amarari • BA
Bragança Paulista • SP
Brasília • DF
Curitiba • PR
Itaberai • GO
Montenegro • RS
São Gonçalo do Amarante • CE
Vitória • ES
Umuarama • PR

Associe sua cidade

escoladepaisdobrasil.org.br





missão

Ajudar pais, futuros pais e agentes educadores a formar verdadeiros cidadãos.

PROPÓSITO

Orientar, capacitar e inovar a relação das famílias, para que atuem como agentes transformadores da sociedade, formando cidadãos mais conscientes, livres e responsáveis.



quem somos

Entidade de trabalho voluntário e sem fins lucrativos que, há mais de 60 anos, orienta famílias e educadores nos desafios da educação, criação e relacionamento familiar, de forma ininterrupta.

valores

- O respeito ao ser humano e à vida.
- A família como principal agente formador da sociedade.
- A moral, a ética, a transparência e a cidadania.
- A liberdade, o respeito e a justiça.



COMO FUNCIONA

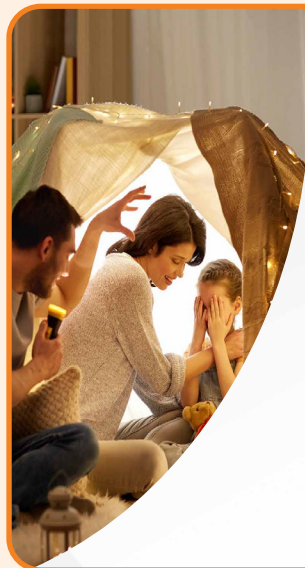
O trabalho da Escola de Pais do Brasil é voluntário e realizado por associados capacitados, que participam de programas de formação e atualizações constantes, como o Programa de Formação de Coordenadores, revisões, seminários, congressos e outras atividades.

Os coordenadores dos cursos e ciclos de debates são devidamente preparados para atuar onde forem solicitados.



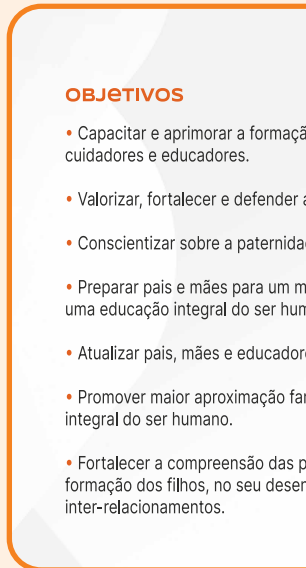
Benefícios alcançados

- Contribuição para a formação de pessoas mais felizes, socialmente responsáveis e emocionalmente equilibradas.
- Promoção do conhecimento como ferramenta para que pais, mães e educadores sintam-se seguros e confiantes para criar e educar crianças, adolescentes e jovens.
- Melhoria da comunicação, diálogo e convivência entre pais, mães e filhos.
- Definição de limites de forma mais adequada.
- Orientação para a sexualidade saudável.
- Prevenção ao uso de drogas.
- Atenção às necessidades dos filhos/educandos e preparação para a vida.



LINHA PEDAGÓGICA

Na Escola de Pais do Brasil, os participantes desempenham um papel ativo no processo de aprendizagem. A partir de conceitos científicos apresentados, o conhecimento é construído com base nas experiências individuais e aplicado na prática, de acordo com a realidade de cada um.



OBJETIVOS

- Capacitar e aprimorar a formação de pais e mães, futuros pais e mães, cuidadores e educadores.
- Valorizar, fortalecer e defender a família.
- Conscientizar sobre a paternidade e maternidade responsáveis.
- Preparar pais e mães para um mundo em constante mudança, com foco em uma educação integral do ser humano.
- Atualizar pais, mães e educadores em práticas e princípios psicopedagógicos.
- Promover maior aproximação família-escola, na perspectiva de uma educação integral do ser humano.
- Fortalecer a compreensão das pessoas acerca de sua responsabilidade na formação dos filhos, no seu desenvolvimento pessoal e em seus inter-relacionamentos.



quem PARTICIPA

A EPB é indicada para pais, mães, futuros pais e mães, famílias, educadores e todas as pessoas interessadas na educação e formação das futuras gerações.

causa

Formar pessoas felizes, socialmente responsáveis e emocionalmente equilibradas.

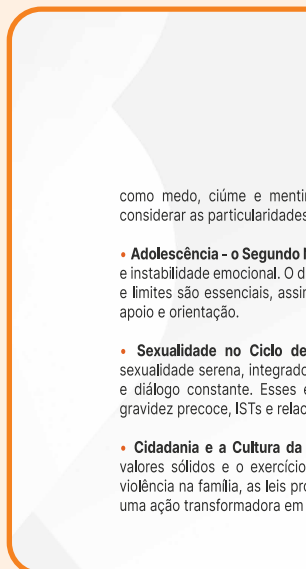


Como fazemos

Promovemos o conhecimento e a troca de experiências, incentivando reflexões e conexões verdadeiras e profundas por meio de cursos, ciclos de debates, seminários, palestras e outras formas, tanto presenciais quanto virtuais.

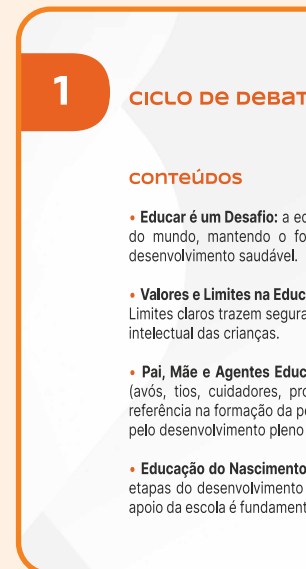
Por que fazemos

Acreditamos que o conhecimento é a chave para transformar o mundo.



como medo, ciúme e mentiras podem ser tratadas de forma mais eficaz ao considerar as particularidades de cada fase de crescimento.

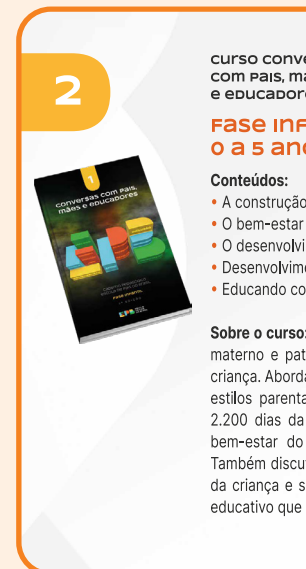
- **Adolescência - o Segundo Nascimento:** a adolescência é uma fase de transição e instabilidade emocional. O diálogo, a paciência e a construção conjunta de regras e limites são essenciais, assim como a presença dos pais e mães como fonte de apoio e orientação.
- **Sexualidade no Ciclo de Vida da Família:** para o desabrochar de uma sexualidade serena, integradora e digna, são necessárias informação, atualização e diálogo constante. Esses elementos são fundamentais para a prevenção de gravidez precoce, ISTs e relacionamentos tóxicos.
- **Cidadania e a Cultura da Paz:** a educação deve promover cidadania, ética, valores sólidos e o exercício da comunicação não-violenta. A reflexão sobre a violência na família, as leis protetoras e a cultura da paz é discutida, incentivando uma ação transformadora em prol de um mundo melhor.



1 CICLO DE DEBATES

conteúdos

- **Educar é um Desafio:** a educação atual precisa se adaptar às rápidas mudanças do mundo, mantendo o foco no amor e na segurança como bases para um desenvolvimento saudável.
- **Valores e Limites na Educação:** a família é a primeira escola de valores e limites. Limites claros trazem segurança e ajudam no desenvolvimento psicológico, físico e intelectual das crianças.
- **Pai, Mãe e Agentes Educadores:** o papel dos pais e dos agentes educadores (avós, tios, cuidadores, professores etc.) é essencial. Eles são os adultos de referência na formação da personalidade e do caráter, além de serem responsáveis pelo desenvolvimento pleno das crianças e adolescentes.
- **Educação do Nascimento à Puberdade:** é essencial compreender e respeitar as etapas do desenvolvimento infantil para educar com equilíbrio, firmeza e afeto. O apoio da escola é fundamental para facilitar a adaptação e o aprendizado. Questões



2 curso conversas com pais, mães e educadores

Fase Infantil 0 a 5 anos

Conteúdos:

- A construção de um pai e de uma mãe
- O bem-estar da criança e os vínculos afetivos
- O desenvolvimento pleno da criança
- Desenvolvimento de habilidades socioemocionais
- Educando com limites, afeto e segurança

Sobre o curso: oportuniza a reflexão sobre a importância do papel materno e paterno antes da concepção e nos primeiros anos da criança. Aborda a formação de pais, mães e agentes educadores; os estilos parentais; o papel dos avós; a importância dos primeiros 2.200 dias da criança, considerados o "período de ouro" para o bem-estar do bebê e o desenvolvimento de vínculos afetivos. Também discute os marcos importantes do desenvolvimento pleno da criança e suas habilidades socioemocionais, além do processo educativo que envolve limites, afeto, segurança e sexualidade.

3

curso conversas com pais, mães e educadores

curso presencial e on-line gratuito



Fase escolar 6 a 10 anos

Conteúdos:

- O desenvolvimento infantil
- O processo de aprendizagem
- Habilidades socioemocionais
- Educar no mundo atual

Sobre o curso: convidamos você a refletir sobre diversos temas, como o desenvolvimento integral da criança, o processo de aprendizagem - especialmente a alfabetização -, as habilidades socioemocionais, a sexualidade, o uso de telas, o papel dos avós e o processo educativo no mundo atual. Esses conteúdos são essenciais para aqueles que têm a responsabilidade de educar, com o objetivo de transmitir valores humanos fundamentais, como honestidade, respeito, tolerância, empatia e humildade, entre outros.



4

curso conversas com pais, mães e educadores



Fase adolescência 11 a 18 anos

Conteúdos:

- O desenvolvimento na adolescência
- Construindo habilidades socioemocionais
- Sexualidade e telas na adolescência
- Relacionamentos respeitosos
- Projeto de vida na adolescência

Sobre o curso: abordando a pré-adolescência e a adolescência, convidamos os participantes a refletir sobre as transformações vividas nessas fases, incluindo as mudanças no corpo, na forma de pensar, na maneira de ver o mundo, e nas relações familiares e sociais, além dos primeiros relacionamentos afetivos e amorosos.

Não podemos desejar que a adolescência passe rapidamente; precisamos estar presentes, acolhendo e orientando o adolescente em todo esse processo de transformação física, cognitiva, emocional, social, moral e de valores. Isso nos permite intervir com assertividade, criando um ambiente mais harmônico e saudável na família.



5

curso conversas com pais, mães e educadores

curso presencial e on-line gratuito



FILHOS ADULTOS 19 anos em diante

Conteúdos:

- Filhos adultos
- Filhos adultos em casa
- Novos projetos de vida

Sobre o curso: convidamos pais, mães e responsáveis de filhos adultos a refletir sobre a complexidade da convivência nessa faixa etária: em casa, fora de casa, em relacionamentos casados ou descasados, na jornada do ninho vazio e no próprio processo de envelhecimento dos pais.

Esta é uma oportunidade para contribuir para a formação de filhos autônomos, independentes e responsáveis. Além disso, é um momento de transformar ideias em novos projetos, dar sentido à vida, transbordar o coração e ter coragem para encarar novos desafios.



6

CURSO Bem-envelhecer

Conteúdos:

- O processo de envelhecimento
- Saúde física e saúde mental
- Relacionamento familiar e social
- Novos projetos de vida e espiritualidade

Sobre o curso: destinado a todas as pessoas que desejam envelhecer bem, incluindo aquelas que já estão nessa fase da vida. De maneira participativa, o curso busca refletir sobre a importância do investimento na educação continuada, permitindo que as pessoas se mantenham atualizadas, ativas e engajadas na vida familiar, social e comunitária.

O objetivo é contribuir para o bem-estar físico, mental e social das pessoas em todas as etapas da vida, garantindo que cheguem a envelhecer de forma saudável e plena.



7

congresso nacional

Evento anual que promove a reflexão e discussão sobre temas de vanguarda, por meio de palestras, mesas-redondas, conversas, experiências, ativações e convivências, proporcionando aprendizados e muito mais.



8

webinars

Na agenda do site da EPB, você encontrará os temas dos webinars que estão por vir.



use o QR code para acessar nossa agenda



9

seminários e palestras



Os seminários e palestras da Escola de Pais do Brasil são eventos de grande relevância e impacto na área da educação familiar. Eles são realizados de forma presencial ou on-line e estão abertos a todas as pessoas interessadas.

10

revistas

Impressas ou on-line, as revistas da EPB são fontes de informação atemporal. São produzidas pelas seccionais e, anualmente, na realização do Congresso Nacional.



estrutura organizacional

assembleia geral

conselho fiscal

diretoria executiva nacional

conselho de educadores

conselho consultivo



Vem conosco!

Acompanhe-nos nas redes sociais e acesse nossos conteúdos no site e no YouTube.

Associe sua cidade! Seccionais da EPB no Brasil



Acesse nossos conteúdos

ESCOLA DE PAIS EM AÇÃO

Momentos de estudo, aprendizagem e lazer, onde prevalece a arte de amar o próximo. Dentro desse contexto foram realizados 01 (um) Congresso Nacional, em junho de 2026, Círculos de Debates (online), em maio e setembro de 2026; Palestras sobre o relacionamento pais e filhos nos encontros de casais, escolas, paróquias.



Workshop de Lideranças, São Paulo, agosto de 2026



Celebração do aniversário da EPB Goiânia - 53 anos, em 14 de setembro de 2026



Curso Bem Envelhecer ministrado pelo associado Carlos Brito



Atividade da EPB Goiânia — Escolha fazer melhor, é o que nos conecta



Congresso Nacional, São Paulo, junho de 2026



Visita a Superintendência da Mulher em Abadia-GO



Curso on-line para Pais e Mães, fase infantil, setembro de 2026



Palestra no ECC - Joane e Maria Vilma



Palestra para o ECC da Paróquia Santo Hilário



Palestra para o ECC em Inhumas



Reunião da EPB Goiânia, de amorização, junho de 2026



Revisão Estadual 2025

Água Mineral Natural ITIQUIRA

☎ (62) 3251-9455 | 📞 (62) 99631-0047

Av. T-9, nº 1.081 - Sala 16 - Setor Bueno - Goiânia-GO

PAISAGISMO Cantinho 3

EXPERIÊNCIA QUE SE VÊ.
CUIDADO QUE PERMANECE.

HÁ MAIS DE
40 ANOS
CUIDANDO DE
PAISAGENS
QUE FAZEM PARTE DA
VIDA DAS PESSOAS.



MANUTENÇÃO
DE ÁREAS VERDES
COM EXCELÊNCIA



EQUIPES
ESPECIALIZADAS E
COMPROMETIDAS



PLANEJAMENTO
E CUIDADO EM
CADA DETALHE



CONFIANÇA QUE
SE CONSTRÓI
AO LONGO DO TEMPO

PAISAGISMO É MAIS QUE BELEZA.
É QUALIDADE DE VIDA.



SUSTENTABILIDADE



RESPONSABILIDADE



CUIDADO



EXPERIÊNCIA